



**MIELE BY DOME KITCHENS
INAUGURADA NO TOURAL**

Empresa familiar afirma-se no mercado internacional

N145 MENSAL: MAIO 2025
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO



MAISGUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

**JOSÉ MANUEL COELHO LIMA NA FPAK JUNIOR TEAM DE RALIS
VITÓRIA COM CONQUISTAS HISTÓRICAS NO POLO AQUÁTICO E
NO FUTEBOL FEMININO SALVADOR OLIVEIRA E BENEDITA LOPES
GINASTAS DO GUIMAGYM FAZEM HISTÓRIA NA EUROPA**

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!



**GONÇALO DA ROSA CASTRO
ESTREIA-SE NO ESTORIL OPEN**



**ECONOMIA DO GOLO
COM VASCO RODRIGUES**



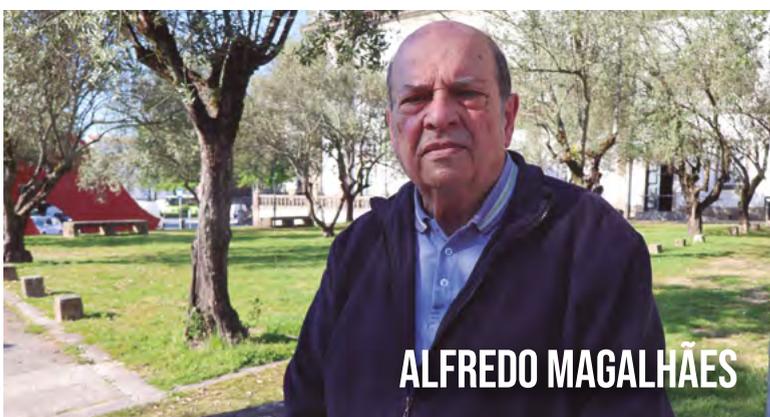
**EDUCATION SUMMIT ABRE NOVAS
PORTAS PARA A EDUCAÇÃO**



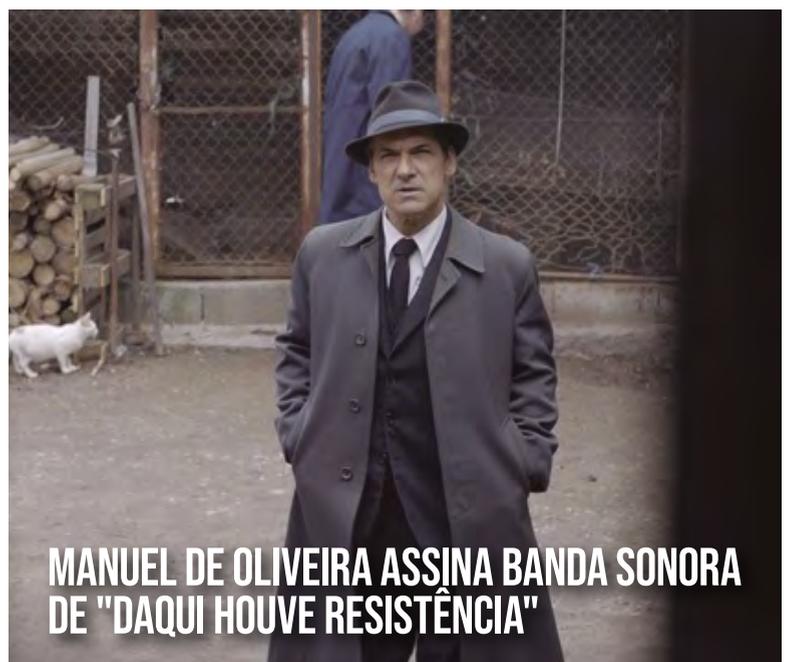
ISA FERREIRA ENCANTA NO THE VOICE



AGENDA CULTURAL DE JUNHO



ALFREDO MAGALHÃES



**MANUEL DE OLIVEIRA ASSINA BANDA SONORA
DE "DAQUI HOUE RESISTÊNCIA"**



2 5
ANOS
Desde janeiro 1998

**CASADAS
BATERIAS**
PEÇAS E ACESSÓRIOS AUTOMÓVEL
GUIMARÃES BARCELOS VISEU

DISTRIBUIDOR OFICIAL
TUDOR LIQUI MOLY

TEMOS TUDO PARA O SEU AUTOMÓVEL

BATERIAS AUTO I MOTO I EMPILHADORES I BARCOS
CHAPARIA I MECÂNICA I ELETRICIDADE
VENDA AO PÚBLICO
REVENDA COM DESCONTOS ESPECIAIS



RUA NOSSA SENHORA DA AJUDA (EN105), 101, MOREIRA DE CÓNEGOS 4815-368 GUIMARÃES
TL: 253 521 315 | INFO@CASADASBATERIAS.COM

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO



LEIA A REVISTA
EM FORMATO DIGITAL



O BOM EXEMPLO DA DOME KITCHENS

A região de Guimarães, marcada por um forte tecido industrial, especialmente nos setores têxtil, calçado e cutelarias, continua a enfrentar uma realidade económica que há muito se arrasta: a prevalência de baixos salários.

Apesar da evolução tecnológica e das oportunidades abertas pela globalização e pela digitalização, uma parte significativa da economia local continua ancorada em modelos de baixo valor acrescentado, fortemente dependentes de mão-de-obra intensiva e de margens reduzidas.

Este cenário tem consequências evidentes. Desde logo, a dificuldade em atrair e reter talento qualificado, que opta por outras regiões ou países onde a remuneração e as perspetivas de progressão são mais atrativas. Acresce o impacto social: baixos salários perpetuam uma economia de subsistência, limitam o consumo interno e fragilizam a coesão social. Tudo isto compromete a capacidade da região se afirmar, com solidez, como um polo de inovação e competitividade.

Contudo, há sinais encorajadores que merecem ser destacados – e a DOME Kitchens é um exemplo claro dessa nova abordagem empresarial. Por isso, chamamos à capa desta edição a empresa familiar vimaranense.

A Dome tem feito um caminho diferente: apostou na inovação, no design e na personalização dos seus produtos, posicionando-se num

segmento de mercado onde o valor acrescentado é reconhecido e remunerado. Ao invés de competir apenas pelo preço, compete pela qualidade, diferenciação e sofisticação – fatores que permitem aceder a mercados exigentes e mais rentáveis, tanto em Portugal como no estrangeiro.

O sucesso da DOME Kitchens não é apenas uma boa história empresarial: é também uma lição estratégica para a região. Demonstra que é possível – e desejável – escapar à armadilha dos baixos salários através da valorização do produto, da marca e, sobretudo, das pessoas. Empresas que criam valor pagam melhor, atraem talento e são mais resilientes em contextos económicos adversos.

Claro que a mudança de paradigma exige mais do que boas intenções. É necessário investimento em qualificação, redes de inovação, incentivos públicos inteligentes e, acima de tudo, uma cultura empresarial que veja os trabalhadores não como um custo a conter, mas como um ativo a desenvolver. A aposta na diferenciação não pode ser exceção – deve ser o novo padrão.

Guimarães, com a sua tradição industrial e o seu potencial criativo, está em posição de poder liderar esta transformação. Mas isso só acontecerá se deixarmos de aceitar como inevitável uma economia de baixos salários e produtos baratos. O exemplo da DOME Kitchens prova que há outro caminho – e que esse caminho pode ser trilhado desde já.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaraneses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista "Mais Guimarães", é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista "Mais Guimarães" é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista "Mais Guimarães" aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista "Mais Guimarães" distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista "Mais Guimarães" compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista "Mais Guimarães" considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138

Sede e Sede da Redação

Avenida D. João IV N.67, 1º Andar loja N.20 4810- 225 Guimarães

Telefone 253 537 250 [Chamada para a rede fixa nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email administracao@maisguimaraes.pt

Diretor e Editor

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Avenida D. João IV 1076 4º drt Bloco B

4810-534 Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o n.º. 126 352
ISSN 2182/9276 Depósito Legal n.º. 358 810/13

Administração: Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.

Jornalistas

Eliseu Sampaio, Carla Alves e Helena Lopes

Design Gráfico e Paginação

Mais Guimarães

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.
Travessa Comendador Aberto M. Sousa
Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande
4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa

Eliseu Sampaio

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.

Telemóvel 917 953 912

[Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email geral@maisguimaraes.pt
www.maisguimaraes.pt

Avenida D. João IV N.67, 1º Andar loja N.20
4810- 225 Guimarães



f / MAISGUIMARAES

PELLETS
4,15
Saco de 15kg



**Iva a 23% a partir de
01 de julho de 2025**

**ENCOMENDE JÁ OS NOSSOS
PELLETS CERTIFICADOS**

Tel. 253 579 307

Custo de chamada para a rede fixa nacional, mediante o seu tarifário

solvita
energias renováveis

Rua de S. João Batista, 1245, Ponte, Guimarães geral@solvita.pt www.solvita.pt

SISTEMAS DE AQUECIMENTO E/OU ARREFECIMENTO | BOMBAS DE CALOR/AR CONDICIONADO
SISTEMAS SOLARES TÉRMICOS | CALDEIRAS E RECUPERADORES A BIOMASSA



25 DE ABRIL EM GUIMARÃES

51 ANOS DEPOIS, O CRAVO AINDA FLORESCE

TEXTO: HELENA LOPES FOTOS: DIREITOS RESERVADOS

O Município de Guimarães assinalou com intensidade e simbolismo os 50 anos das Primeiras Eleições Democráticas em Portugal, com um vasto programa de atividades que celebrou os valores de Abril e homenageou figuras e momentos marcantes da história democrática nacional.

A iniciativa mobilizou diferentes gerações, foi desenvolvida em parceria com instituições culturais locais, como o Convívio – Associação Cultural, o Cineclube de Guimarães, o Centro Infantil e Cultural Popular, o Círculo de Arte e Recreio, a Sociedade Martins Sarmento e a Sociedade Musical de Pevidém.

Sob o título “Abril com Cantigas do Maio”, o programa destacou-se pela sua diversidade e profundidade, cruzando expressões artísticas com memória histórica. Um dos pontos altos foi a homenagem ao centenário de nascimento de Mário Soares, figura central na luta contra a ditadura e na construção da democracia portuguesa. A sua trajetória foi evocada não apenas em discursos e exposições, mas também nas palavras cantadas e nas imagens projetadas.

A música teve um papel de destaque na evocação dos ideais de liberdade, com referências à poesia de Fausto, à resistência através da arte de Carlos Paredes e ao simbolismo da canção como forma de combate e esperança. O concerto “Sons da Liberdade” reuniu a comunidade em torno de uma celebração coletiva e emotiva, enquanto o espetáculo “Quem tem Medo da Flor do Campo?” e a performance “Liberdade e Cinema Amador” exploraram a censura e a repressão vivida antes de 1974, através de linguagens performativas e visuais.

Com forte envolvimento da população vimaranense, este ciclo de comemorações reafirmou Guimarães como cidade comprometida com a memória, a cultura e os valores democráticos, numa programação que uniu arte, reflexão e participação cívica. Foi uma celebração não apenas do passado, mas também de um presente e futuro onde a liberdade continua a ser cantada, pensada e vivida.



SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE GUIMARÃES NO TEATRO JORDÃO

Os 51 anos da Revolução dos Cravos trouxeram à cidade berço não só o eco de um passado conquistado, mas também o pulsar de um presente que ainda questiona, que ainda luta e que deseja continuar a construir pontes, num mundo tantas vezes dividido.

A cerimónia começou com notas carregadas de simbolismo. O grupo B-Jazz Choir deu voz ao Hino de Guimarães, à eterna Grândola, Vila Morena e ao Hino Nacional, três canções, três momentos de comunhão que marcaram o compasso de um dia onde a liberdade foi celebrada com emoção.

No centro do palco, os discursos dos representantes dos partidos com assento na Assembleia Municipal não foram apenas formais. Foram reflexos das tensões e esperanças do nosso tempo. Falou-se de redes sociais, da crise habitacional, da ameaça do populismo, do valor da escuta, da importância do poder local. Falou-se, sobretudo, de Abril como um compromisso que continua vivo.

José João Torrinha, presidente da Assembleia Municipal, lançou o alerta: “Vivemos tempos de ignorância agressiva”. “Num mundo de verdades absolutas lançadas em segundos, nas redes e nos ecrãs, o pensamento crítico tornou-se raro e ouvir o outro quase um ato de coragem”. Torrinha chamou à reflexão: “Será que estamos a defender Abril quando nos fechamos em trincheiras digitais?”

Também Inês Rodrigues, da CDU, reforçou o “papel vital do poder

local” e das “escolhas políticas coerentes com os valores de Abril”. Para si, comemorar é também “escolher um rumo e rejeitar políticas que não sirvam as pessoas”. Já Nuno Vaz Monteiro, do Chega, apelou à renovação de Guimarães com “vida, alegria e dinamismo”, lembrando que o passado não pode ser âncora, mas sim alicerce. PUB

Gil Leitão, do Iniciativa Liberal, debruçou o seu discurso sobre o “olhar para a democracia como uma prática diária”. “Não basta votar, é preciso participar, escutar, dialogar”. Maria Francisca Rodrigues, do Bloco de Esquerda, a voz mais jovem do painel, trouxe o tema da habitação à ribalta, lembrando que “hoje há quem trabalhe, mas não consiga ter um teto”. “Abril prometeu dignidade e essa promessa está longe de estar cumprida”.

José Eduardo Dias, do CDS/PP, olhou para a história e alertou para os riscos do presente, reafirmando a importância de não idealizar o passado, mas sim de assumir a responsabilidade pelo futuro. Natália Ribeiro, PSD, evocou os “portugueses que partiram em busca de esperança, e o 25 de Abril como farol de regresso, símbolo de um país por construir, sempre em movimento”.

José Bastos, do PS, encerrou com a força da poesia. Citando Ary dos Santos, defendeu que a liberdade se constrói com pluralidade e verdade, nunca com medo ou mentira. E alertou: “O populismo cresce onde há frustração, mas combater isso exige mais do que discursos, exige confiança, escuta e ação coletiva”.

No final, mais do que um exercício político, viveu-se um momento de comunhão cívica. Num tempo de incertezas, Guimarães mostrou que ainda sabe parar para pensar, para lembrar, para agradecer. E para continuar a sonhar.





“DAQUI HOUE RESISTÊNCIA” FOI INCRÍVEL, UMA HOMENAGEM COM PROPÓSITO”

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: DAQUI HOUE RESISTÊNCIA E MANUEL DE OLIVEIRA

O compositor vimaranense Manuel de Oliveira assina a banda sonora original da série documental “Daqui Houve Resistência”, produção da “Bando à Parte”, de Rodrigo Areias, e da “Olho de Vidro”.

Com realização de Edgar Pêra e Carlos Amaral, o projeto dividiu-se em cinco episódios de 60 minutos, disponíveis na RTP Play, e foca-se na luta antifascista em Portugal, especialmente a partir da região de Guimarães. Em entrevista à Mais Guimarães, o músico partilhou os bastidores do processo criativo, o impacto pessoal da obra e os planos para o futuro.

Embora já tivesse tido músicas suas sincronizadas em obras audiovisuais, esta foi a primeira vez que Manuel de Oliveira compôs uma banda sonora original de raiz. “Foi uma coisa que desde o ano passado eu vinha falando com o Rodrigo e com o Edgar. Íamos trocando ideias, perceber se íamos enveredar por um misto entre banda sonora original e temas emblemáticos da nossa resistência”, explicou.

O ponto de partida foi o genérico da série, que definiu a paleta sonora do projeto. “Quis encontrar uma sonoridade que tivesse a ver com a nossa região. Por isso as caixas, os bombos, que têm um papel proeminente, e depois encontrar o tom emocional da série. O genérico foi muito bem conseguido, e percebemos que fazia sentido uma banda sonora totalmente original.”

Apesar da ambição, o tempo foi escasso: “Só comecei a trabalhar na banda sonora em janeiro deste ano, foram dois meses e meio de criação. Foi um relâmpago”, descreve o compositor.



UMA HOMENAGEM COM CARGA EMOCIONAL

Manuel de Oliveira destaca o orgulho em integrar a equipa da série: “Acho que é uma produção absolutamente incrível. É mais um exemplo de que aquilo que é de alta qualidade não é só feito em Lisboa.” E confessa que ver a série exibida foi uma experiência emocionalmente intensa: “Ainda é pior do que na música. Em televisão, a sonoridade muda imenso, o que pode ser frustrante”. Mas, acima de tudo, ficou o sentimento de missão cumprida: “Acho que fizemos um excelente trabalho e uma homenagem a quem contribuiu para um momento decisivo na democracia em Portugal. Fiquei tocado com histórias como as do Alberto Martins, do Capitão Guimarães, do Santos Simões... Pessoas altamente corajosas”.

Para o músico, a série tem também uma função pedagógica e política urgente: “É super pertinente materializarmos esta memória. Jovens como nós e mais novos não têm noção do que foi. A minha geração ainda teve uma passagem de testemunho, mas as seguintes já não”.

Mostra-se preocupado com o crescimento da extrema-direita entre os mais jovens: “É muito indignante. Não acredito que a humanidade, por natureza, se incline para ideias como a xenofobia ou o racismo. São enganados por falta de educação, instrução e formação”.

Para Manuel de Oliveira, a cultura tem um papel essencial neste combate: “A cultura e as artes têm o poder de humanizar. Os agentes culturais têm que se responsabilizar cada vez mais. A temática da minha música hoje em dia é totalmente diferente do que era há dez anos”.

PLANOS FUTUROS: DIGRESSÕES, CELEBRAÇÕES E CINECONCERTOS

O músico revelou ainda os planos para o resto de 2025, incluindo o fim da digressão do projeto Iberia, com Jorge Pardo e Carlos Bonavente. “Vamos estar na Casa da Música a 20 de junho, na “Last Jam”, dedicada ao Paco de Lucía. Depois vamos ao Brasil em setembro”, referiu o músico.

O ano 2025 marca também os 30 anos da emblemática música Nicolinas, que Manuel compôs em 1995. “Quero fazer mais concertos pequenos aqui em Guimarães, lembrar como comecei”, disse. Outro destaque será a digressão nacional de cineconcertos com a série “Daqui Houve Resistência”: “Vamos apresentar a série com música ao vivo. Será uma forma de dar continuidade a este projeto com significado e memória”.



Ao redor do mundo

TEXTO: INÉS SAMPAIO • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



BAD BUNNY ANUNCIA CONCERTO EM LISBOA EM 2026

O astro do reggaeton Bad Bunny confirmou que fará um espetáculo em Lisboa como parte da sua digressão mundial "Debí Tirar Más Fotos World Tour".

O artista porto-riquenho, conhecido por sucessos como "Dákiti" e "Un Verano Sin Ti", irá atuar no Estádio da Luz, em Lisboa, no dia 26 de maio de 2026. Este concerto faz parte de uma série de apresentações na Europa, incluindo datas em Barcelona e Madrid.

A digressão "Debí Tirar Más Fotos World Tour" começará em novembro de 2025 em Santo Domingo, na República Dominicana, e percorrerá países da América Latina, Europa, Ásia e Oceania, com término previsto para julho de 2026 na Bélgica.

MET GALA 2025: "BLACK STYLE" NA PASSADEIRA VERMELHA

A Met Gala 2025, realizada a 5 de maio no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, teve como tema "Superfine: Tailoring Black Style", que celebrou a importância da moda masculina e o impacto duradouro do estilo negro na indústria da moda.

Entré os convidados que se destacaram na passareira vermelha, estiveram: Rihanna: Revelou sua gravidez com um vestido Marc Jacobs, marcando um momento emocionante da noite; Zendaya: Desfilou um look Louis Vuitton com um chapéu ousado, combinando elegância e estilo pessoal; Colman Domingo: Optou por um conjunto Valentino que refletia a sofisticação e o tema da noite; Usher: Além de ser co-anfitrião, o cantor surpreendeu com uma performance ao vivo. A noite também contou com atuações de Stevie Wonder, que interpretou "Superstition", e Usher, que apresentou alguns de seus maiores sucessos.

A Met Gala 2025 foi uma celebração do estilo masculino e da cultura negra, destacando como a estética afro-americana e afro-descendente tem moldado a moda ao longo dos anos.



OPORTUNIDADE DE JOVENS PORTUGUESES EXPERIMENTAREM A GRAVIDADE ZERO

A Agência Espacial Portuguesa lançou a iniciativa "Astronauta por Um Dia", permitindo que estudantes entre 14 e 18 anos participem em voos parabólicos de gravidade zero.

O programa visa inspirar jovens para carreiras científicas e tecnológicas, promovendo a inclusão e a diversidade no setor espacial. Desde a sua criação, o projeto recebeu mais de 1.600 candidaturas de todo o país.

JOVENS DA GERAÇÃO Z SAEM TARDE DE CASA DOS PAIS POR DIFICULDADES EM ACEDER À HABITAÇÃO

Estudo revela que a permanência dos jovens em casa dos pais é um fenómeno crescente em Portugal, não por razões culturais, mas devido às dificuldades em aceder à habitação. A falta de património imobiliário nas famílias e o elevado custo da habitação são fatores que contribuem para este cenário. Especialistas alertam para a necessidade de políticas públicas que promovam a autonomia habitacional dos jovens.





GONÇALO DA ROSA E CASTRO ESTREIA-SE NO ESTORIL OPEN E É PROMESSA DO TÊNIS NACIONAL

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: GONÇALO ROSA E CASTRO

Com apenas 16 anos, Gonçalo da Rosa e Castro deu mais um passo marcante na sua jovem carreira ao estreiar-se no quadro principal de pares do Millennium Estoril Open, o mais prestigiado torneio de ténis realizado em solo português.

Ao lado de Salvador Monteiro, de 17 anos, a dupla recebeu um convite da organização e teve a oportunidade de competir ao mais alto nível. Apesar da eliminação na primeira ronda frente aos experientes alemães Mark Wallner e Jakob Schnaitter, dupla posicionada entre os 60 melhores do ranking mundial de pares, com os parciais de 6-3 e 6-1, a participação valeu pela experiência e visibilidade no circuito profissional. Um momento que marca a transição de Gonçalo para um novo patamar competitivo.

Natural de Guimarães, Gonçalo tem vindo a somar títulos e boas prestações no panorama juvenil. Em setembro de 2024, sagrou-se campeão nacional de sub-16 em singulares, vencendo precisamente Salvador Monteiro na final com um expressivo duplo 6-1.

Juntos, os dois atletas conquistaram ainda o título de pares nesse mesmo campeonato, superando Rodrigo Leal e Diogo Serafim. Já em outubro, Gonçalo brilhou no prestigiado Tennis Europe Junior Masters Sub-16, no Mónaco, onde alcançou um notável terceiro lugar entre os melhores jovens talentos da Europa.

Com um percurso que alia talento, trabalho e resultados consistentes, Gonçalo da Rosa e Castro confirma-se como um dos nomes mais promissores do ténis português. A estreia no Estoril Open poderá ter sido apenas o primeiro de muitos capítulos de sucesso no circuito profissional.



PUB

**Obrigado
pela confiança.**

é bom viver assim



**Conheça a solução ideal
para o seu condomínio:**

LDC GUIMARÃES
Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020
(Chamada para a rede fixa nacional)

E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt



EDUCATION SUMMIT UM NOVO CAPÍTULO NO FUTURO DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

TEXTO: HELENA LOPES FOTOGRAFIAS: EDUCATION SUMMIT

O Education Summit reuniu mais de duas mil pessoas em Guimarães, ligadas à Educação, para projetar o futuro da escola com coragem, emoção e crítica construtiva

Durante três dias, Guimarães foi palco do primeiro Education Summit, um encontro inédito que reuniu 60 oradores, múltiplos workshops, exposições e momentos artísticos. Promovido pela associação Nova Escola, o evento terminou com um concerto do músico António Zambujo e abriu um novo capítulo no debate sobre o futuro da educação em Portugal.

“Foi um verdadeiro sucesso. Superou todas as nossas expetativas. Viemos para ficar e voltaremos, certamente, em 2026”, afirmou Renato Pacheco, da organização, revelando já planos para uma segunda edição – que poderá ou não voltar a acontecer em Guimarães.

EDUARDO SÁ EMOCIONA COM CRÍTICA AO SISTEMA E APELO À INFÂNCIA

Um dos momentos mais marcantes do evento foi protagonizado por Eduardo Sá, psicólogo clínico que emocionou a plateia com uma defesa apaixonada da infância e uma crítica direta ao sistema educativo atual. “O sistema educativo deveria ser à imagem dos jardins de infância”, afirmou, reforçando que “as educadoras são pessoas estranhas que contam histórias, e isso faz pensar”.

Com frases contundentes, Eduardo Sá apontou a urgência de devolver tempo, liberdade e corpo às crianças. “É proibido ensinar a ler e a escrever no jardim de infância. É lá que se aprende a brincar com o corpo”, disse, chamando a atenção para o sedentarismo infantil em Portugal, o mais elevado da Europa. “Crianças que não brincam são crianças que não aprendem. Brincar deveria ser Património Imaterial da Humanidade.”



Para o psicólogo, a escola atual exige demais e cedo demais. “As crianças vivem em stress constante. Escola a mais faz mal”, defendeu, provocando aplausos com a proposta de que ninguém deveria entrar na universidade sem ter tido, pelo menos uma vez, uma nota negativa. “O erro ensina mais que o sucesso”.

Eduardo Sá apelou ainda à necessidade de pais que saibam dizer “não”, sem medo. “As pessoas confundem autoridade com autoritarismo. O ‘não’ não traumatiza. Educar também é frustrar.” Contra o uso de telemóveis nas escolas e contra os rankings de exames, desafiou famílias e docentes a lutarem por escolas inclusivas e humanizadas.

MARCOS PIANGERS: “A CRIANÇA NÃO ODEIA A ESCOLA, ODEIA AS AULAS”

Outro momento alto do Summit foi a palestra de Marcos Piangers, comunicador e autor brasileiro, conhecido pela sua abordagem emocional e bem-humorada à parentalidade. Com histórias pessoais que arrancaram gargalhadas e aplausos, Piangers recordou que o papel dos pais e professores é formar seres humanos preparados para a vida.

“Escolas devem ensinar a fazer perguntas, não a dar respostas”, disse, defendendo que professores são “ninjas” que moldam o futuro. “Cada professor tem o papel de uma mãe: ama, acredita e transforma.” Para o autor, a crise da escola não está na instituição, mas no modelo: “As crianças não odeiam a escola. Odeiam as aulas. Querem escolas com vida, onde sejam protagonistas.”

O sucesso da iniciativa foi celebrado pela organização e por representantes institucionais. “Há muito mais que podemos fazer em conjunto”, afirmou Renato Pacheco, sublinhando o potencial do evento para influenciar políticas públicas e redesenhar o diálogo entre comunidades educativas e entidades governativas.

A vereadora da Educação da Câmara Municipal de Guimarães, Adelina Pinto, elogiou a ousadia da Nova Escola. “Tive receio de que não conseguissem erguer um evento desta dimensão, mas surpreenderam. Foi um sopro de modernidade sobre a Educação”, afirmou. Defendeu uma escola “menos exaustiva, mais flexível e capaz de olhar verdadeiramente para a criança”, reconhecendo que a comunidade escolar “está cansada e precisa de tempo para cuidar e refletir”.



UMA SEGUNDA EDIÇÃO EM GUIMARÃES? AINDA NÃO É CERTO

A primeira edição contou com o apoio do Quadrilátero Urbano – recentemente alargado a Pentágono com a entrada de Viana do Castelo –, formado pelas câmaras de Guimarães, Braga, Barcelos e Famalicão. Segundo Adelina Pinto, o evento deverá passar a ser rotativo entre os municípios. “Temos de ser justos. O que foi acordado é que a primeira edição seria em Guimarães, mas as próximas poderão realizar-se noutros concelhos. Se não houver vontade ou condições, Guimarães estará, claro, disponível para acolher de novo”, garantiu.

Para já, fica a certeza: O Education Summit veio para ficar, trazendo à conversa nacional uma visão mais humana, crítica e criativa da escola. Uma escola onde, nas palavras de Eduardo Sá, “o mais importante não é o que se ensina, mas o que se sente e se escuta.”



Agenda Cultural de Guimarães

JUNHO 2025

© DIREITOS RESERVADOS



A IDEIA DE UMA CHAVE

01 de junho - Espaço Oficina

Sessão de consultoria e apoio à criação regional, orientada por Rita Morais e Mário Coelho, artistas ligados aos Festivais Gil Vicente, com experiência em encenação, interpretação e dramaturgia. Aberta a participantes com mais de 6 anos, a iniciativa destina-se a quem procura acompanhamento em processos criativos, como preparação para castings ou desenvolvimento de textos. A participação é gratuita, no entanto requer de inscrição prévia.



© DIREITOS RESERVADOS

FEIRA DA PEQUENADA

10 a 15 de junho - Multiusos de Guimarães

A Feira da Pequeneda regressa ao Multiusos de Guimarães entre os dias 10 e 15 de junho, com entrada livre. O evento oferece uma variedade de insufláveis e outras atividades para os mais novos. Entre 11 e 13 de junho, a entrada é dedicada a grupos com inscrição prévia. O espaço abre das 14h00 às 20h00, todos os dias.

© DIREITOS RESERVADOS



LEONOR E BENJAMIM (ÓPERA)

21 de junho - Centro Cultural Vila Flor

A ópera Leonor e Benjamim sobe ao palco do Centro Cultural Vila Flor no dia 21 de junho. Com música e direção artística de Jorge Salgueiro, a produção junta a Companhia de Ópera de Setúbal, a Orquestra do Norte e o Coro Setúbal Voz. Com duração de 80 minutos e classificação para maiores de 12 anos, esta obra integra o projeto "O Corpo e o Poder" e aborda uma história de amor em Lisboa em 1506.



© DIREITOS RESERVADOS

FEIRA AFONSINA

20 a 24 de junho - Centro Histórico de Guimarães

Considerada uma das mais importantes feiras medievais do país, a Feira Afonsina transforma o centro histórico numa autêntica cápsula do tempo, com milhares de visitantes e centenas de figurantes a recriar o ambiente do burgo medieval. A 12ª edição do evento decorre entre os dias 20 e 24 de junho. Este ano, o evento estende-se aos Largos da Misericórdia e Condessa do Juncal, deixando de fora a zona de Couros.

© DIREITOS RESERVADOS



CONCERTOS COMEMORATIVOS DA BATALHA DE SÃO MAMEDE

21 e 22 de junho - Igreja de Nossa Senhora da Oliveira

O concerto comemorativo da Batalha de São Mamede integra o terceiro momento do programa anual do Grande Órgão Histórico 2025, promovido pela Paróquia de Nossa Senhora da Oliveira nos dias 21 de junho, às 21h30 e 22 de junho, às 16h30. A interpretação estará a cargo do organista Miguel Jaloto, no órgão histórico da igreja e a direção artística é de José Carlos Azevedo. A entrada é gratuita, limitada à lotação do espaço. O evento conta com o apoio da Câmara Municipal de Guimarães e terá a duração aproximada de 60 minutos.



© DIREITOS RESERVADOS

CONCERTOS À QUINTA

26 de junho - Salão Nobre da Sociedade Musical de Guimarães

O pianista Pedro Filipe Peixoto Torga Ferreira protagoniza o segundo concerto da temporada 2025 dos "Concertos à Quinta", promovida pela Sociedade de Concertos Bernardo Valentim Moreira de Sá, no dia 26 de junho às 19h00. Esta iniciativa apresenta, ao longo do ano, sete concertos com solistas, agrupamentos de câmara e professores do Conservatório de Guimarães, incluindo estreias de obras encomendadas.

CERCIGUI ILUMINA GUIMARÃES COM A CAMPANHA PIRILAMPO MÁGICO 2025

TEXTO E FOTOGRAFIA: ELISEU SAMPAIO



“A luz que abraça a diferença” é o lema da edição 2025 da Campanha Pirlampo Mágico, que teve início no dia 09 de maio e volta a mobilizar o país em torno da causa da inclusão das pessoas com deficiência intelectual e/ou multideficiência.

Em Guimarães, a CERCIGUI junta-se, mais uma vez, a esta grande ação nacional de solidariedade. Ao longo de três semanas, a instituição dinamiza ações de rua, campanhas de sensibilização e venda do icónico boneco solidário, numa iniciativa que envolve toda a comunidade local: utentes, profissionais, voluntários, escolas, empresas e parceiros institucionais. Este ano, o tradicional Pirlampo Mágico tem o valor simbólico de 2,50 euros e pode ser adquirido em diversos pontos do concelho, como estabelecimentos comerciais, mercados, eventos públicos e bancas dinamizadas

pelos colaboradores da CERCIGUI.

Os fundos angariados revertem diretamente para as cooperativas de solidariedade social da rede CERCI e entidades parceiras, contribuindo para a continuidade de respostas especializadas no apoio a crianças, jovens e adultos com deficiência, assim como às suas famílias.

Mais do que uma campanha de angariação de fundos, o Pirlampo Mágico é, há mais de três décadas, um símbolo de empatia, inclusão e cidadania ativa. Através da participação ativa nesta edição, a CERCIGUI reafirma o seu compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária, onde todas as pessoas, com ou sem deficiência, têm direito a participar, crescer e ser ouvidas.

PUB

Meu Super

CREIXOMIL

Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

**SUPER
MERCADO**
da porta ao lado

TROFA

Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

Já abriu!

**EM NOVAIS
FAMALICÃO**

RONFE

Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

Segunda a Sábado
08h00 às 20h00

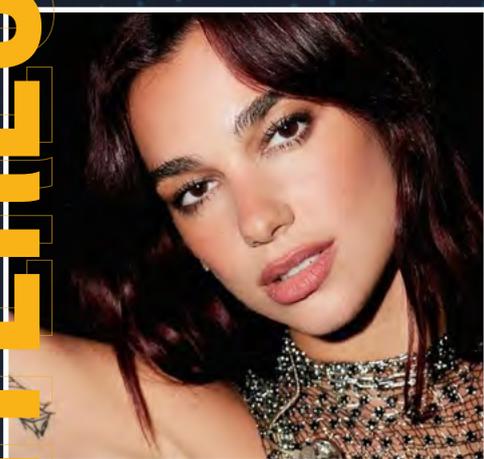




AGORA OS JOVENS PODEM SUBSCREVER JORNAIS E REVISTAS GRATUITAMENTE

Até 31 de dezembro de 2025, jovens entre os 15 e os 18 anos podem subscrever gratuitamente uma publicação periódica digital, válida por dois anos. A inscrição é feita online, mediante autenticação com Chave Móvel Digital ou Cartão de Cidadão. São necessários dados como número de identificação, data de nascimento, local de residência e email.

A iniciativa, promovida por vários ministérios, inclui títulos como Público, Visão, Expresso, JN, ECO, entre outros, e visa incentivar o acesso à informação e ao jornalismo entre os mais jovens.



ARTISTAS BRITÂNICOS EXIGEM PROTEÇÃO CONTRA USO INDEVIDO DE IA NAS SUAS OBRAS

Cerca de 400 artistas britânicos, como Dua Lipa, Elton John e Paul McCartney, assinaram uma carta ao governo do Reino Unido a exigir uma revisão da lei dos direitos de autor para proteger as suas obras do uso não autorizado por inteligência artificial.

Os cantores e compositores pedem transparência e aviso prévio das empresas de IA sobre utilização de conteúdos protegidos. O governo já respondeu e afirma estar a "trabalhar num pacote de medidas que esperamos que funcione para ambos os setores", mas reforça que "não serão feitas alterações à legislação atual até que o governo esteja convencido que estas vão ao encontro dos interesses dos criadores".



AMNISTIA INTERNACIONAL ALERTA PARA RISCOS DE SAÚDE MENTAL NO TIKTOK

A Amnistia Internacional (AI) emitiu um novo alerta sobre os riscos de saúde mental associados ao TikTok, destacando a persistência de conteúdos nocivos na plataforma. Uma investigação de 2023 revelou que, em apenas 20 minutos após criar uma conta, adolescentes eram expostos a vídeos sobre suicídio e saúde mental.

A organização denuncia a falta de ações eficazes por parte da empresa, que não reconheceu o problema do "buraco negro" de conteúdos prejudiciais. A AI pede medidas de proteção para evitar que jovens caiam em armadilhas de conteúdo nocivo e viciado.



FESTIVAIS GIL VICENTE 2025

NO EPICENTRO DO TEATRO CONTEMPORÂNEO

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

De 05 a 14 de junho, Guimarães recebe a 37ª edição dos Festivais Gil Vicente, reafirmando o seu papel como um dos principais palcos da criação teatral contemporânea em Portugal.

Durante 10 dias, a cidade transforma-se num polo de experimentação artística e reflexão crítica, com uma programação intensa e diversificada que ocupará vários espaços culturais, como o Centro Cultural Vila Flor (CCVF), o Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG) e o Teatro Jordão.

A edição deste ano mantém o compromisso com a inovação, a inclusão e o cruzamento de linguagens e gerações. O programa propõe um conjunto de estreias absolutas, coproduções, oficinas, debates e masterclasses, que combinam risco artístico com pensamento sobre o presente e o futuro do teatro. Entre os destaques estão duas criações resultantes de bolsas de apoio à criação artística – os projetos CASA e Amélia Rey Colaço –, que refletem a vitalidade da nova geração de criadores.

“Se Não For Tu”, de Era Rolim, apresenta-se como uma obra coreocinematográfica que investiga os territórios da memória e do luto, explorando a relação entre corpo, imagem e ausência. Por sua vez, “Corre, bebé!”, de Ary Zara e Gaya de Medeiros, propõe uma narrativa ambientada num cenário pós-apocalíptico, onde um casal trans enfrenta os desafios da parentalidade, colocando em cena temas como identidade, afeto e resiliência.

O festival também marca o regresso de Pedro Gil à encenação com a comédia “Enciclopédia da Vida Sexual”, que será apresentada no dia 07 de junho, oferecendo uma abordagem bem-humorada sobre o corpo, o desejo e a educação sexual. No dia 12, estreia “Matriarca '74”, de Pedro Nunes, um espetáculo que cruza autobiografia e história política numa conversa intergeracional sobre as heranças do 25 de Abril. Já a 13 de junho, “Viagem a Lisboa”, de Joana Cotrim e Rita Morais, revisita o passado colonial português através de uma fusão entre teatro e música, num gesto de escavação e ressignificação da memória coletiva.

O encerramento do festival, a 14 de junho, será marcado por uma proposta inclusiva e inovadora: “Ricardo III”, encenado por Marco Paiva, será apresentado em simultâneo em Língua Gestual Portuguesa (LGP) e Língua de Signos Espanhola (LSE), com legendas em português. A produção destaca-se pela sua abordagem acessível e inclusiva, abrindo o palco a diferentes formas de comunicação e representação.

O INVESTIMENTO NA FORMAÇÃO DA ARTE E NO DEBATE CRÍTICO

Para além da vertente performativa, os Festivais Gil Vicente investem na formação artística e no debate crítico. A oficina “A Minha Primeira Autoficção”, orientada por Bruno dos Reis, Gaya de Medeiros e Mário Coelho, convida os participantes a explorar a relação entre experiência pessoal e criação cênica. A masterclass “Lições de Teatro”, conduzida por Pedro Gil, promove o intercâmbio de saberes entre diferentes gerações de artistas. Dois debates integram a programação com o intuito de pensar os caminhos e impasses da profissão artística em Portugal: “Depois do canudo, a carreira por um canudo?” (07 de junho) e “Teatro Português, quo vadis?” (14 de junho) propõem uma reflexão aberta sobre as condições de trabalho, os desafios estruturais e as perspetivas de futuro no setor.

Durante todo o evento, o projeto Hipertexto mobiliza uma rede de 12 artistas-escretores para produzir crítica escrita em tempo real. Esta iniciativa visa ampliar os olhares sobre os espetáculos apresentados, questionar os modelos tradicionais de crítica e estimular novas formas de diálogo entre criação e receção.

Mais do que um festival, os Festivais Gil Vicente assumem-se como um espaço de encontro, experimentação e cidadania cultural. Ao longo destes 10 dias, Guimarães volta a afirmar-se como um território de criação viva, onde o teatro serve de espelho e motor de transformação do presente.



TEMPORADA DOS BANHOS VELHOS

LUÍS MOTA VIVE O SONHO CULTURAL DE UM FILHO DA TERRA

TEXTO E FOTOGRAFIAS: HELENA LOPES

Aos 28 anos, o taipense Luís Mota assume a programação dos Banhos Velhos de Caldas das Taipas com uma missão clara: honrar a história, valorizar o presente e projetar um futuro cultural vibrante. Natural da vila, cresceu perto das ruínas deste espaço emblemático e hoje é o rosto de uma nova geração que transforma memórias em movimento artístico.

"Sou das Taipas. Nasci e fui criado mesmo aqui ao lado", começa por dizer Luís Mota, o novo programador dos Banhos Velhos. O orgulho transparece no olhar e nas palavras de quem conhece cada pedra deste espaço, não apenas como cenário, mas como herança emocional. "Lembro-me de brincar por aqui quando isto eram só ruínas. Os Banhos Velhos sempre fizeram parte da minha vida. Assumir agora a sua programação é, honestamente, um sonho tornado realidade".

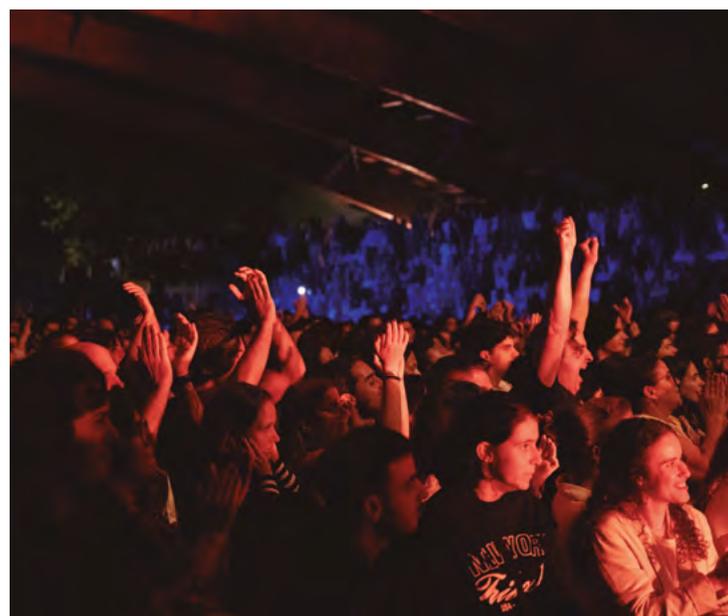
A ligação entre Luís e o espaço é profunda e pessoal. A sua história é também a história de um lugar que renasceu com o tempo e que hoje é muito mais do que um edifício, é uma marca, um ponto de encontro e um palco de experiências culturais.

Luís integrou a equipa dos Banhos Velhos em 2023 como apoio à produção. Em 2024, assumiu integralmente essa responsabilidade. Este ano, a transição para a programação foi um passo natural. "Senti que era o momento certo. Já conhecia os bastidores, o ritmo, o público. Agora, com a programação, consigo também imprimir a minha visão e criar momentos únicos para quem nos visita".

Falar com Luís Mota é perceber que a cultura não é para ele apenas uma tarefa profissional, é uma paixão enraizada. E isso nota-se nas escolhas que faz e no cuidado com que pensa cada detalhe.

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL

Mais do que eventos, Luís vê os Banhos Velhos como uma plataforma de ligação entre pessoas e experiências. Com parcerias estratégicas, como a Antena 3 e o Jornal Notícias, o alcance da programação tem crescido, fortalecendo a posição



do espaço no panorama cultural nacional. "Sem os nossos parceiros, seria muito difícil chegar a tanta gente. Todos fazemos parte disto: quem programa, quem divulga e, claro, quem vem cá viver os eventos."

A herança local é o motor da visão de Luís. "Tenho muito orgulho na Vila das Taipas. Programar os Banhos Velhos é também contribuir para o desenvolvimento da minha terra." Com os pés bem assentes no chão e os olhos postos no futuro, promete não esquecer o essencial: a alma do espaço. "A responsabilidade é grande, mas a vontade é maior. Os Banhos Velhos não são só um lugar, são uma emoção".

Luís Mota é, hoje, o programador dos Banhos Velhos. Mas continua, acima de tudo, a ser um rapaz das Taipas. Um daqueles para quem a cultura é feita de memórias, encontros e sonhos mesmo os que parecem impossíveis.



DOS SONHOS AOS PALCOS E ESTE ANO COM MÃO MORTA

A temporada cultural de 2025 já começou com grandes promessas, uma delas é o concerto de encerramento com os lendários Mão Morta, uma escolha que carrega um significado especial.

"Foi um desejo pessoal", confessa. "Tenho uma ligação à banda e, quando falei com eles, mostraram-se logo interessados. Já conheciam os Banhos Velhos, alguns até frequentam as termas. Foi bonito ver essa abertura e será, com certeza, um momento marcante".

MÃO MORTA, EMMY CURL, GANSO E RITA VIAN LIDERAM A TEMPORADA 2025 NOS BANHOS VELHOS

Entre memórias termais e uma arquitetura com alma, os Banhos Velhos, em Caldas das Taipas, voltam a ser ponto de encontro para a cultura e a comunidade.

De maio a setembro, este espaço emblemático do concelho de Guimarães acolhe a 14.ª edição da sua temporada cultural, uma programação gratuita, eclética e pensada para todas as idades, com mais de 20 eventos que vão da música ao cinema, passando pelo teatro, oficinas criativas, visitas guiadas e noites de astronomia.

Sob a curadoria de Luís Mota, o novo programador, a proposta deste ano reforça o compromisso de descentralizar a cultura e torná-la acessível a todos. "Os Banhos Velhos são já um marco na vida cultural da região, valorizado por um sítio com uma mística tão única. A missão mantém-se: garantir o acesso livre à cultura e envolver a comunidade", destaca.

MÚSICA PARA TODOS OS SENTIDOS

A música ocupa um lugar de honra na programação. O arranque acontece a 6 de junho, com os concertos de Marquise e Rita Vian. A 4 de julho, emmy Curl e Homem em Catarse protagonizam uma noite dedicada à sensibilidade sonora. Agosto será o mês mais

intenso: no dia 9, a tradição toma conta da agenda com a Noite de Fados, protagonizada pelo Grupo de Fados da Vila. A 22, os irreverentes Ganso dividem o palco com o emergente projeto IBSXJAUR. No dia seguinte, 23, a noite pertence aos sons da terra, com os locais Noise at Valve, Correr Andar e Theo.

Destaque para uma das novidades da edição: um dia especialmente dedicado à música feita nas Taipas. Na sessão de apresentação da temporada, João Gonçalves, mentor do projeto Theo, sugeriu integrar os talentos locais nas noites principais, uma forma de inspirar novos músicos e consolidar a criação artística local.

O encerramento da temporada promete ser inesquecível. A 12 de setembro, Galeria Incerteza prepara o terreno para o regresso de Mão Morta aos Banhos Velhos – uma das bandas mais marcantes do rock português. A noite termina com um DJ set de Jubilee, numa celebração que se adivinha memorável.

CINEMA AO AR LIVRE, OFICINAS E PATRIMÓNIO VIVO

O cinema regressa em formato open air, com três sessões que prometem momentos únicos sob as estrelas. Em julho, será exibido Small Things Like These, de Tim Mielants. Em agosto, chegam Emilia Pérez, de Jacques Audiard, e Grand Tour, de Miguel Gomes – duas propostas que combinam a estética com o olhar social e poético.

A componente educativa e familiar ganha destaque, começando a 28 de maio com um workshop de escrita criativa. Ao longo do verão, há lugar para ateliers infantis, contadores de histórias, aulas de olaria, uma noite dedicada à astronomia e uma visita noturna ao património termal, que convida a conhecer a história do edifício a partir da sua própria matéria-prima: a água.

O TEATRO COMO ESPELHO DA VIDA

O palco dos Banhos Velhos também acolhe duas propostas teatrais. Em julho, o Grupo de Teatro Amador de Campelos (GTAC) apresenta A Noite. Em setembro, a companhia ATRAMA encerra a programação com Uma Noite em Família, peça que cruza emoções e laços geracionais com humor e introspeção.

Outro momento especial será a tertúlia dedicada aos 150 anos do edifício decagonal dos Banhos Velhos, símbolo maior da memória e da identidade local – uma conversa que ligará passado e presente com vista ao futuro.

UM TERRITÓRIO COM CULTURA NO CENTRO

Durante a apresentação da temporada, Sofia Ferreira, diretora da Taipas Termal e representante da Câmara Municipal de Guimarães, sublinhou a importância estratégica do evento: "Com esta programação, estamos a contribuir para a descentralização cultural.

Guimarães orgulha-se do seu património e deste lugar tão especial como os Banhos Velhos". A responsável destacou também o envolvimento da equipa programadora e manifestou o desejo de que a população continue a participar com entusiasmo, como tem acontecido nas últimas edições.

Com uma identidade consolidada e um enraizamento cada vez mais profundo no território, os Banhos Velhos continuam a ser um espaço onde a cultura acontece de forma livre, plural e envolvente.

A programação completa pode ser consultada em taipastermal.com e nas redes sociais oficiais dos Banhos Velhos – Taipas Termal. Entrada livre. Emoção garantida.

PUB

Alameda
Park



Restaurante
NO PARQUE DAS TAIPAS

19



ISA PIRES FERREIRA

A MENINA QUE ENCANTA NO THE VOICE KIDS

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Tem 13 anos, um brilho nos olhos e uma voz que já chegou aos palcos de todo o país. Isa Pires Ferreira é das Taipas, vive em Balazar, e está a conquistar corações no The Voice Kids, da RTP1. Mas o caminho até ao grande palco não foi feito de sonhos de infância, foi feito de coragem, evolução e, acima de tudo, paixão construída com o tempo.

Vive com os pais, o irmão mais velho, de 19 anos, e com a sua gata. Toda a família apoia-a muito na sua carreira artística.

A música entrou sem pedir licença. “Quando era pequena, não sonhava ser cantora. A música entrou na minha vida devagarinho”, começa por contar. Aos seis anos, foi inscrita pela mãe num teatro musical, mas “nem cantava”, admite com um sorriso tímido. O tempo passou, e o que era curiosidade virou paixão. Aos 10 anos, Isa decidiu fazer provas para o Conservatório de Guimarães, passou e desde então não parou de crescer.

Hoje, não é só a voz que impressiona. Isa já fez cinco musicais e esteve em palcos como o Já cantou para mais de 800 pessoas, em musicais e saraus. Faz teatro desde os seis anos e as personagens que interpreta têm músicas ao vivo. Pratica dança desde os seus quatro anos, faz agora hip-hop e House. Gosta de ler romances. Mas a sua entrada no The Voice Kids foi, até agora, a maior aventura.

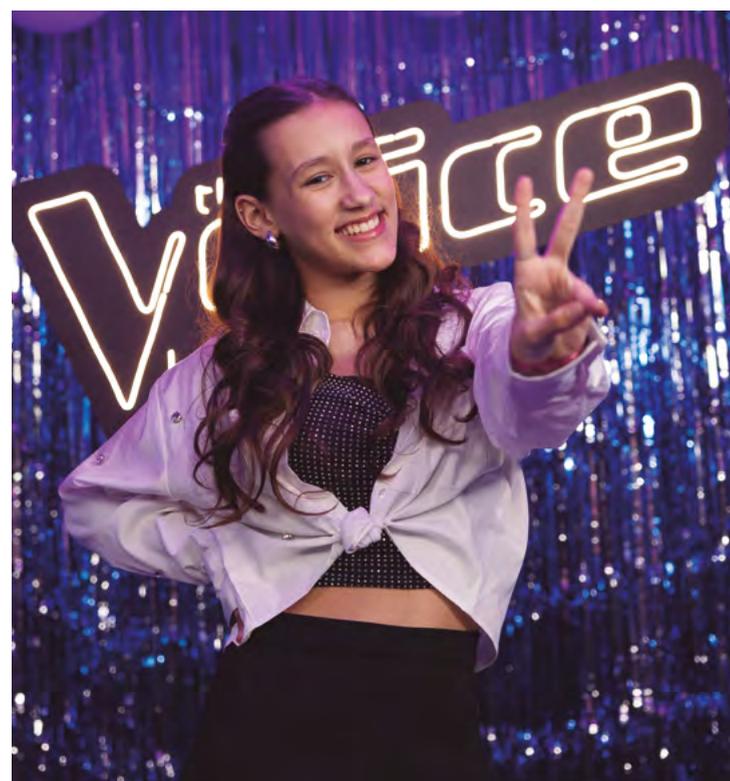
O SALTO DE CORAGEM PARA A TELEVISÃO

“Já pensava em tentar concorrer desde os oito anos, mas achava que não era a altura certa. No ano passado até comecei a inscrição, mas desisti”, contou à Mais Guimarães. Este ano, algo mudou. Isa sentiu que tinha crescido, não só como artista, mas como pessoa. “Ganhei confiança. Estava pronta”.

A inscrição foi rápida e o processo, ainda mais. “Enviei o vídeo a cantar, fui chamada para o casting no Porto, passei, e dias depois

já estava em Lisboa para os ensaios”, descreve. Tudo aconteceu em cerca de 15 dias, “foi tudo a correr”.

Isa escolheu uma música de Elvis Presley, “Can't Help Falling In Love”, descoberta num dos seus espetáculos de teatro. “Achava que a minha voz encaixava bem ali.” A escolha revelou-se certa. Nas Provas Cegas, a interpretação emocionou os mentores. Nena e Diogo Piçarra viraram a cadeira. “Fiquei muito feliz! Eram os dois que eu queria”, conta, ainda com brilho nos olhos. Acabou por integrar a equipa de Nena, a cantora bloqueou Diogo, num dos momentos mais intensos do programa.





CANTAR COM DIOGO PIÇARRA? "SEM PALAVRAS."

Mais tarde, teve a oportunidade de subir ao palco novamente, desta vez, ao lado de Diogo Piçarra. "Foi sem palavras. As nossas vozes combinaram muito bem. Foi um momento muito feliz para mim". E os nervos? "No início estava tranquila, tentei não pensar nas cadeiras. Mas nas últimas frases da música comecei a tremer. Quando vi as cadeiras a virar, foi como um alívio. Senti que o esforço valeu a pena."

Por trás da artista, uma mãe de coração cheio. Para a mãe, Sónia Pires, tudo isto é mais do que uma aventura, é um orgulho difícil de descrever. "Ela sempre pediu para acompanharmos os sonhos dela. Mas ver, ao vivo, é outra coisa. A espera, a incerteza... é muito intenso emocionalmente". Quando a cadeira virou, conta, ficou "imóvel, sem reação". "Foi uma descarga emocional enorme".

A família fez tudo para acompanhar Isa, mesmo sem grandes apoios. "Tivemos de meter férias. A Junta de Freguesia de Balazar ajudou. Mas a escola não facilitou, porque não é atividade escolar."

Fomos sempre sozinhos. As amigas da Isa queriam ir, mas não conseguimos levar mais ninguém".

MAIS DO QUE UM CONCURSO, UMA LIÇÃO DE VIDA

No meio de tudo, Isa destaca o ambiente vivido com os outros concorrentes. "É como se já nos conhecêssemos há anos. Não há competição. Se alguém não passa, ficamos tristes por eles, mesmo estando felizes por nós. É muito bonito".

Sobre o futuro, não hesita: "Quero ser cantora. E também atriz de teatro musical. O ideal seria fazer as duas coisas". E se vier a fama? "Era bom. Mas quero é continuar a fazer o que amo".

A mãe reforça: "Nunca entrámos nisto com o objetivo de ganhar. O que nós queríamos era que ela vivesse a experiência, aprendesse, fosse feliz. Tudo o que vier, será positivo".

Isa segue agora para a fase das batalhas. Mas, qualquer que seja o desfecho, a jovem já conquistou algo maior: a certeza de que está a caminhar para aquilo que a faz feliz. E isso, sim, é a maior vitória.

PUB

ARCOL

Cash & Carry

GUIMARÃES - SANTA MARIA DA FEIRA - LISBOA - FARO



a marca do consumidor exigente



ENTRE 600 CANDIDATOS, VIMARANENSE DE 18 ANOS ENTRA NA FPAK JUNIOR TEAM DE RALIS

TEXTO: HELENA LOPES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

José Manuel Coelho Lima, de 18 anos, com carta de condução há apenas três meses, garantiu no final de abril um lugar na FPAK Junior Team para os Ralis de 2025. Entre 600 candidatos, o jovem vimaranense destacou-se e foi um dos cinco selecionados para integrar a equipa.

A paixão e o talento bastaram para que José Manuel conquistasse esta oportunidade única. Agora, prepara-se para cumprir o sonho de participar em cinco provas do Campeonato Nacional de Ralis e continuar a evoluir na modalidade.

Como é que começa toda esta aventura?

Estava no Instagram e vi o anúncio: “Queres ser piloto de Ralis?” Esta iniciativa, este ano, foi muito divulgada. Muitas pessoas partilharam e participaram, porque era um projeto novo da

Federação, com carros diferentes. Antes eram os Kias, agora entrou a Peugeot, e esse detalhe fez com que houvesse mais partilhas e mais participantes. A informação chegou até mim também, e pensei: por que não?

Sempre tiveste o “bichinho” dos automóveis?

Sim, sempre. Sempre gostei muito de automóveis e acompanhei o mundo automóvel em várias áreas: Fórmula 1, WRC, tudo. O meu avô também sempre adorou. Foi muito por causa dele que comecei a interessar-me por este universo. Desde miúdo que gosto imenso. Ele até me acompanhou nesta aventura e foi assistir à final.

Curiosamente, não contaste logo aos teus pais que ias participar. Porquê?

Foi mais ou menos. Inicialmente, não disse nada aos meus pais. Depois, a dois dias da final, decidi contar à minha mãe. Já nem me lembro exatamente como foi, mas tinha de o fazer, até porque ia faltar às aulas e não estaria em casa.

Na verdade, inscrevi-me mais na desportiva. Não estava a pensar que podia ganhar, muito menos chegar à fase final. Fui para experimentar. Quando contei ao meu pai, expliquei que era só um concurso, e ele levou na boa. Era só para me divertir.

Quando percebeste que tinhas hipóteses reais de ficar entre os cinco escolhidos?

Fui chamado à final. No total, eram cerca de 600 participantes, divididos por localizações: chamavam pessoas de Baltar, Algarve, Leiria. Selecionavam 12 de cada zona. Havia três cartódromos: um no norte, um no centro e outro no sul. Quando passei para os 32 finalistas e depois para os 12 melhores, comecei a acreditar que podia mesmo ficar nos cinco primeiros.

Muitos dos participantes já eram profissionais?

Sim, a maioria era. Muitos já tinham feito provas como a Rampa da Penha. A Gabriela Correia, por exemplo, participou com um AMG. Eu não tinha experiência nenhuma. A minha base era um simulador em casa, com um volante normal. Fui com





um capacete de mota que o meu pai me tinha dado há uns anos. Era o único que eu tinha – e que gosto muito, por sinal.

“A MINHA BASE ERA O SIMULADOR DE CASA, COM UM VOLANTE NORMAL”

Depois da classificação, recibes um convite para integrar uma equipa?

Sim, para integrar a FPAK Junior Team. Depois surgiu a Racing4U, que já é outro patamar. É uma equipa grande, com pilotos como Pedro Meireles e Guilherme Meireles – todos de Guimarães.

Como não tinha experiência, queria estar numa estrutura próxima, que me pudesse orientar e dar uma boa base para evoluir nos ralis. A Federação enviou uma lista de 15 equipas interessadas em acolher os cinco pilotos escolhidos.

Nós podíamos escolher, e eu optei pela Racing4U. Acho que é uma excelente estrutura, com bons pilotos e boas pessoas. E é de Guimarães, claro, o que me dá ainda mais motivação.

Tens carta há apenas três meses. Será uma aventura...

A experiência é diferente, claro, mas penso que vai ser incrível. Adoro conduzir. Desde que tirei a carta, ando muito. Conduzir é como se me isolasse do mundo. Não sei explicar – é uma sensação única.

E agora, o que vai acontecer?

Agora começam as provas. Tenho cinco ralis para disputar. A Federação vai fornecer-nos o carro – um Peugeot 208 Racing. Teremos a apresentação oficial do carro em breve, e começaremos os preparativos para o primeiro rali.

Quais são as tuas expectativas?

Nada demasiado alto, sinceramente. Já ter conseguido isto é incrível. A minha principal expectativa é divertir-me ao máximo, porque nunca pensei ter esta oportunidade. Claro que vou dar o meu melhor e, se conseguir destacar-me, tanto melhor.

Tens referências no mundo dos ralis?

Sim, muitas. No mundo automóvel em geral, o meu ídolo é o Kalle Rovanperä. Sempre foi o meu piloto preferido de ralis – uma vez até fiz o penteado igual ao dele.

Também admiro muito o Ayrton Senna, como quase toda a gente. O meu avô gostava muito dele, e isso passou para mim. Outro

que me inspira muito é o Kimi Antonelli. Tem a minha idade e já está na Fórmula 1. É uma inspiração enorme.

E em Portugal, acompanhas os ralis?

Claro. O Armindo Araújo é, para mim, o principal piloto português. Sempre o acompanhei. Conheço bem o filho dele, que é meu amigo, e também tem o "bichinho" dos ralis.

Outro que me inspira muito é o António Rodrigues, de Guimarães. O filho dele, o Tuca, também é meu amigo. É um excelente piloto, foi campeão de karts, conduz muito bem. E o Toni foi dos melhores pilotos portugueses do seu tempo.

Gostarias de fazer carreira nos ralis?

Sim, se Deus quiser. Agora é trabalhar para que tudo corra bem. Estou a estudar Som e Imagem na Universidade Católica, no Porto, e pretendo continuar a dedicar-me aos estudos. Mas sim, adorava seguir carreira nos ralis e, quem sabe, fazer parte da história do desporto automóvel de Guimarães.

“QUANDO NOS LIGA A DIZER QUE TINHA FICADO NOS CINCO PRIMEIROS, NÃO QUERÍAMOS ACREDITAR”
ANDRÉ COELHO LIMA

José Manuel Coelho Lima é filho de André Coelho Lima, conhecido político vimaranense, ex-deputado na Assembleia da República e ex-vereador na autarquia de Guimarães, atualmente comentador televisivo.

A revelação foi feita pelo próprio pai, através das redes sociais, num testemunho emocionado: “Tirados alguns dias para respirar, já posso dizer alguma coisa sobre algo absolutamente surpreendente”, começou por escrever. O jovem de apenas 18 anos, com carta de condução há apenas três meses, candidatou-se ao programa da Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (FPAK) sem dizer nada à família, com receio de não ser autorizado.

A aventura começou com uma inscrição discreta e uma participação nas provas de qualificação em Baltar, onde descobriu que competia com cerca de 600 candidatos espalhados por três pistas no país. Sem qualquer experiência competitiva, apenas com prática em simulador e um capacete de mota, José Manuel foi superando etapas até chegar ao lote final dos 32 melhores, depois aos 12 e, finalmente, aos cinco vencedores.

“Quando nos liga a dizer que tinha ficado nos cinco primeiros, não queríamos acreditar”, escreveu André Coelho Lima, que destacou a resiliência e a iniciativa do filho: “Muito mais do que a classificação que obteve, que é tão extraordinária quanto surpreendente, vale a forma como lutou pelos seus objetivos. Sozinho, sem pedir nada a ninguém”.

Agora, com o apoio da família e da estrutura Racing4U, José Manuel prepara-se para realizar o sonho de competir oficialmente em cinco provas do Campeonato Nacional de Ralis, ao volante de um Peugeot 208 Racing. O jovem piloto criou uma página oficial para partilhar o percurso: @jmcoelho_lima_racing.



Artigo de opinião

IRS 2024 PAGOU OU RECEBEU MENOS? COMECE JÁ A TRATAR DO IRS DE 2025!



Alberto Martins
Gestor de Empresas

Por estes dias milhões de contribuintes e agregados familiares, entregam a sua declaração e rendimentos de 2024. Com o prazo limite de entrega até 30 de junho, a modelo 3 de IRS, reflete os rendimentos, retenções e deduções referentes ao exercício de 2024. Por certo, já deve ter reparado, que este ano o reembolso encolheu ou teve mesmo de pagar imposto. É certo que com o IRS jovem (ainda na versão antiga – até 2024), muitos jovens não notaram esta redução do reembolso, mas a generalidade dos trabalhadores e pensionistas que auferem rendimentos acima dos limites de isenção de imposto, sentiram com alguma dimensão.

Mas vejamos, esta “penalização”, deveu-se a um aumento de impostos ou a uma redução das deduções à coleta? Na verdade não. Tratou-se de acertos nas tabelas de retenção na fonte, efetuadas durante o ano de 2024, tendentes a refletir e acomodar, as descidas de IRS efetuadas durante o ano.

Estou convencido, que o ajuste efetuado em 2024, nas tabelas de retenção na fonte, terão ido ligeiramente acima do que deveriam, sendo no entanto positivo, que sejam os contribuintes a terem o seu dinheiro disponível e não o estado, que utiliza os rendimentos dos Portugueses como um verdadeiro mealheiro.

Independentemente desta reflexão, sobre a pertinência da descida acentuada, verificada em 2024, das tabelas de retenção na fonte e que impactaram diretamente no reembolso ou no pagamento do IRS de cada Português, torna-se fundamental pensar já no IRS de 2025. Assim, importa não deixar para o último mês, o planeamento que deverá fazer ao longo do ano. Existem gestos simples, mas que no final do ano, podem valor centenas de euros.

As despesas gerais, são um exemplo disso mesmo, podendo cada contribuinte obter um abatimento à coleta, no valor de 250€ no final do ano. Para isso, basta pedir fatura com o número de contribuinte, nas diversas compras gerais que efetue, como por exemplo supermercado. As despesas de saúde e de educação, são despesas que deverá validar, autonomamente das despesas gerais, pois inserem-se numa categoria própria e com deduções específicas.

O aproveitamento de outras despesas, onde o iva abate também à coleta, não são de descartar, exemplos disso são as despesas com restauração, cabeleireiros ou mecânicos. Importa ainda, reforçar a pertinência paralela da constituição de PPR (plano poupança reforma). Sabemos, naturalmente, que apenas alguns agregados o podem fazer, mas este benefício fiscal é um instrumento importante na redução do importo a pagar ou no aumento do reembolso, ao mesmo tempo que se planeia o futuro, nomeadamente a reforma ou a universidade dos descendentes. Por fim, a validação das faturas, torna-se fundamental em todo o processo, nomeadamente quando se tem rendimentos de outras categorias, como por exemplo prediais ou mais-valias patrimoniais.

Desta forma e com pequenos gestos, podemos criar uma verdadeira poupança e eficiência fiscal.



BOMBEIROS DAS TAIPAS CELEBRAM 138 ANOS COM REFORÇO DE MEIOS OPERACIONAIS

TEXTO E FOTOGRAFIAS: HELENA LOPES

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Caldas das Taipas assinalou, no dia 1 de maio, o seu 138.º aniversário com um programa marcado por homenagem, reconhecimento e modernização.

As comemorações incluíram uma missa solene, romagem aos cemitérios e cerimónia de condecorações, com a presença de várias entidades oficiais, como o presidente da Câmara de Guimarães, Domingos Bragança, e representantes da Proteção Civil e da Liga dos Bombeiros Portugueses.

O ponto alto foi a apresentação de novos meios operacionais, incluindo um Veículo de Operações Especiais (VOPE 01), uma viatura para transporte de doentes, um veículo de combate a incêndios, um reboque multifuncional e um drone profissional, oferecido pelo Rotary Club das Taipas.

Este reforço representa um investimento significativo na capacidade de resposta da corporação, evidenciando o compromisso contínuo com a segurança da população e a valorização dos seus voluntários.



CIDADE

TEXTO: CARLA ALVES



© DIREITOS RESERVADOS

ROCK NO RIO BARCO REGRESSA EM JULHO COM NOVIDADES

A 4.ª edição do festival nas margens do rio Ave volta à freguesia de Barco e com ele traz um cartaz totalmente renovado. Com oito atuações inéditas, o festival celebra a música alternativa nacional com Baleia Baleia, Wildchains, Zebra Libra, The Vaults, Astrodome, Chat GRP e Monch Monch. Para fechar a noite, o set ficará ao encargo do DJ taipense Pedro Conde.

Entre o rock, punk, metal e sonoridades hipnóticas, o cartaz eclético promete uma noite vibrante. O evento afirma-se como uma referência nos festivais independentes da região, valorizando novos talentos e a diversidade musical nacional.

PRIMEIRAS JORNADAS NACIONAIS DE BOMBEIROS REALIZAM-SE ESTE MÊS EM GUIMARÃES

De 23 a 25 de maio, a cidade berço será recebe as primeiras Jornadas Nacionais de Bombeiros que vai reunir profissionais de todo o país para debater o presente e o futuro da proteção e socorro em Portugal. O evento contará com bombeiros, dirigentes, técnicos e especialistas, promovendo dias de formação, partilha de experiências e reflexão estratégica sobre os desafios do setor.

Esta iniciativa pretende valorizar o papel dos bombeiros portugueses e afirmar-se como um ponto de encontro nacional de referência para o fortalecimento da resposta de emergência e proteção civil



© DIREITOS RESERVADOS

GRÃ ORDEM AFONSINA CELEBRA 900 ANOS DA INVESTIDURA DE AFONSO HENRIQUES COMO CAVALEIRO

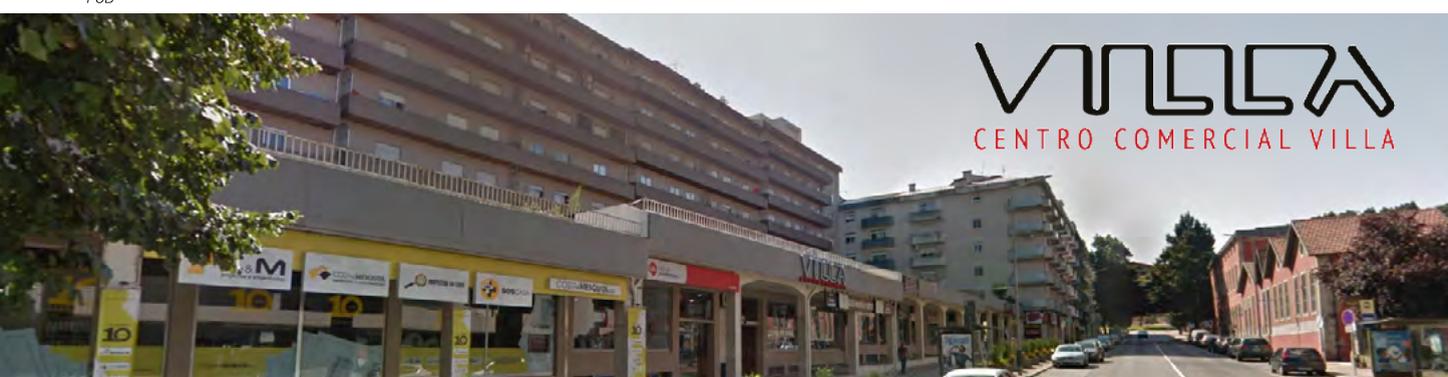
Comemoram-se este ano os 900 anos da investidura de cavaleiro do Infante Afonso Henriques, episódio marcante na história de Portugal, momento que permitiu que Afonso Henriques viesse a liderar o movimento que culminou com a Batalha de S. Mamede, em 24 de Junho de 1128. As celebrações foram apresentadas numa cerimónia em Guimarães no dia 10 de maio, na Torre da Alfândega.

A Grã Ordem Afonsina manifestou ainda a intenção de homenagear figuras chave do processo de independência, como Egas Moniz, através de uma escultura a ser instalada em Guimarães em 2027.



© MAIS GUIMARÃES

PUB



VILLA
CENTRO COMERCIAL VILLA

É BOM COMPRAR
NO CENTRO DA CIDADE!

Av. D. João IV, Guimarães



DOMÉ KITCHENS DE GUIMARÃES PARA O MUNDO

TEXTO: MAIS GUIMARÃES • FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO



Uma aliança de excelência entre tradição e inovação traz ao Largo do Toural um showroom onde tecnologia de ponta e arte da marcenaria se encontram. Guimarães, cidade onde a história de Portugal começou, acaba de receber um novo capítulo na sua trajetória de sofisticação e design com a inauguração da loja Miele by Dome Kitchens, no icónico Largo do Toural.

No final da tarde de 10 de abril, o coração da cidade vibrou com a abertura de um espaço que não é apenas uma loja – é uma experiência sensorial, uma fusão entre o design contemporâneo e a tradição artesanal.

A nova loja resulta da parceria entre duas marcas que partilham valores comuns: a Dome Kitchens, empresa vimaranense com 34 anos de história, e a alemã Miele, mundialmente reconhecida pela qualidade e inovação dos seus eletrodomésticos premium. Juntas, propõem uma visão integrada da cozinha moderna – onde o design encontra a funcionalidade, e onde a experiência do cliente ultrapassa o ato de compra.

UMA HISTÓRIA FEITA DE RAÍZES PROFUNDAS

A Dome Kitchens nasceu em Guimarães, em março de 1991, fruto de uma linhagem familiar com três gerações dedicadas à marcenaria. O que começou como uma pequena empresa de fabrico de mobiliário foi crescendo com uma visão clara: transformar cozinhas em espaços de vida, com identidade, conforto e beleza. Hoje, a Dome é sinónimo de qualidade e personalização, com presença nacional e projeção internacional.

“A loja do Toural representa muito mais do que uma expansão. Representa a consolidação de uma trajetória construída com empenho, confiança e relações duradouras – com os nossos clientes, os nossos fornecedores e, claro, a nossa equipa”, afirma Alberto Torres, CEO do grupo Dome.

UMA UNIÃO DE EXCELÊNCIA

A ligação entre a Dome e a Miele não é nova, mas agora ganha forma física e simbólica. “Durante anos, olhámos para a Miele como referência. Hoje, somos parceiros”, comenta Alberto Torres. Esta associação é vista como um reconhecimento do percurso da empresa portuguesa, que conquistou a confiança de uma marca com mais de 125 anos de história – marcada por inovação, resiliência e um padrão de qualidade intransigente.

UM ESPAÇO PARA TOCAR, EXPERIMENTAR E VIVER

O showroom divide-se em dois ambientes distintos e complementares. De um lado, o mundo técnico da Miele, com exposição dos seus eletrodomésticos mais sofisticados, apresentados com apoio de consultores especializados. Do outro, a Academia da Cozinha da Dome, um espaço vivo e funcional onde os equipamentos podem ser testados, onde se cozinha, se explora, se aprende.

“Queremos que o cliente se sinta em casa. Que possa cozinhar, colocar questões, viver a experiência antes de tomar uma decisão”, explica Alberto Torres. Essa vivência estende-se a experiências com chefs Miele, que promovem sessões práticas e dão aos clientes uma verdadeira introdução ao universo gourmet da marca.



UM PRESENTE PARA A CIDADE

Mais do que um investimento comercial, esta loja é assumida como uma oferta à cidade de Guimarães. "É um prémio para a comunidade vimaranense. Um espaço onde se juntam duas marcas de referência – uma global e outra local – numa simbiose que valoriza o território", afirma o CEO.

O espaço pretende atrair não só clientes locais, mas também visitantes e profissionais da área que queiram conhecer o que de melhor se faz em Portugal no setor da cozinha e do design de interiores.

UMA EMPRESA COM OS OLHOS NO MUNDO

A Dome Kitchens é hoje uma marca com pegada nacional – com presença em Lisboa, Algarve e Guimarães – e colaborações com investidores internacionais que apostam em Portugal. A empresa atua em três frentes: indústria [produção própria], comércio [venda e prescrição] e serviço [instalação e acompanhamento].

Nos últimos anos, reforçou também a sua atuação em interior design, com a criação da Dome Interior Design, e em grandes projetos habitacionais, através da Dome Solutions, que trabalha lado a lado com arquitetos, promotores e construtores.

"Temos hoje uma procura superior à nossa capacidade atual. Mas preferimos crescer com critério, sem comprometer a qualidade. A nossa marca só faz sentido se mantivermos o nível de exigência que nos trouxe até aqui", afirma Alberto Torres.

UMA EXPERIÊNCIA PARA TODOS

A visita à loja Miele by Dome Kitchens é um convite a explorar uma nova forma de pensar a cozinha – não apenas como um espaço funcional, mas como um centro emocional da casa, onde tecnologia, estética e conforto se fundem. E, acima de tudo, é um convite a conhecer a alma de uma empresa que, a partir de Guimarães, se projetou para o mundo sem nunca esquecer de onde vem.

"A loja do Toural é apenas a porta de entrada. O verdadeiro universo Dome está ali ao lado, na fábrica ASA, onde se criam projetos personalizados, onde se sonha cada detalhe, onde se vive o design", conclui o CEO, orgulhoso.

GUIMARÃES GANHA UM NOVO ESPAÇO DE PRESTÍGIO E AFIRMA-SE COMO BERÇO DE GRANDES IDEIAS, NÃO SÓ HISTÓRICAS, MAS TAMBÉM





FUTURAS.

ENTREVISTA A ALBERTO TORRES, CEO DA DOME KITCHENS

“A DOME NÃO NASCEU PARA SER SÓ MAIS UMA MARCA, NASCEU PARA ESTAR POR CIMA”

Como é que nasce a DOME?

A DOME nasce de uma base familiar. O meu pai era um homem da arte – carpinteiro – e foi com esse ofício que sustentou a nossa família, que é grande: somos oito irmãos, cinco dos quais seguiram a profissão. Nos anos 80 tentamos criar algo em conjunto, e como acontece em muitas famílias, cada um acabou por seguir o seu rumo. Em 1991, fundámos aquilo que viria a tornar-se o Grupo DOME que hoje todos conhecem.

Porquê o nome DOME?

A marca DOME só apareceu mais tarde. No início, fomos passando por várias fases empresariais, sempre em contexto familiar. A estrutura atual surge da decisão minha e da minha esposa em tomar as rédeas do negócio. Começámos em Vila das Aves, adquirindo uma antiga carpintaria. A ideia era construir algo com expressão. Tinha 24 anos, estava recém-casado e com uma vontade enorme de empreender.

Fomos crescendo dentro desse espaço, ocupando outros pavilhões. Mais tarde, abrimos a nossa primeira loja em Rebordões, enquanto expandíamos a parte industrial para Santo Tirso. A vinda para Guimarães, já mais recente, correspondeu a uma nova etapa: a consolidação da marca e do seu posicionamento.

A marca DOME surge num contexto de desafio: queríamos algo que evocasse superioridade, algo que cobrisse – como uma cúpula. A palavra “Dome” surgiu nesse brainstorming, com a ajuda de parceiros nacionais e internacionais. A simplicidade do nome, o significado – “estar por cima” – e a ligação à arquitetura de grandes monumentos fez todo o sentido. E ficou.

A simplicidade faz parte do ADN?

Sem dúvida. A nossa filosofia sempre combinou duas matrizes: a robustez e fiabilidade alemãs com o arrojo e design italianos. Fomos buscar o melhor dos dois mundos. Quando a marca DOME nasceu, quisemos dar um passo ainda mais



arrojado: convidámos dois designers italianos a desenharem coleções para nós. Um experiente no setor do mobiliário e outro que nunca tinha desenhado mobiliário – e foi exatamente isso que me atraiu. Queria alguém com uma visão nova. Estas colaborações permitiram-nos criar produtos únicos, com forte identidade, mas sempre com foco na funcionalidade.

E esse foco na funcionalidade é fundamental?

É o ponto de partida. Para nós, tudo começa com um diagnóstico muito cuidado às necessidades do cliente. A seguir, apresentamos um projeto “a preto e branco”. Só depois damos cor, ajustamos os eletrodomésticos, arrumações, materiais – tudo a pensar na harmonia e na utilização prática do espaço. A DOME preocupa-se com a durabilidade desde o início, por isso essa não é uma questão para os nossos clientes. O que procuramos é facilitar-lhes a vida com soluções bem pensadas e intuitivas.

Falou das feiras internacionais. Qual foi o impacto dessas viagens no crescimento da DOME?

Foram fundamentais. No início, estávamos num país muito fechado e as feiras foram uma janela para o mundo. Íamos à boleia de amigos e clientes imigrantes, que nos davam guarda. Era um investimento com risco, porque muitas vezes víamos tendências que só chegariam a Portugal anos depois. Mas essas feiras ajudaram-nos a projetar o futuro.

“A INOVAÇÃO QUE TRAZÍAMOS DE FORA MOLDOU NÃO SÓ A DOME, MAS O SETOR TODO.”

Acredita que a DOME contribuiu para o desenvolvimento do setor em Portugal?

Sim. Pode parecer suspeito vindo de mim, mas acredito sinceramente que a DOME teve um papel importante. Sempre tive uma visão aberta. O meu objetivo nunca foi guardar tudo só para mim. Queria que o setor crescesse. Sempre tive boas relações com colegas do setor – nem gosto de lhes chamar concorrência. Muitos dos nossos desafios inspiraram outras empresas. Criámos associações, centrais de compras, incentivámos a partilha de conhecimento.

Hoje, há muito talento neste setor. A geração do meu filho, o Pedro, já vive essa realidade. Quando vamos a Lisboa ou ao Algarve, é notório o respeito que a DOME conquistou. E nos concursos, quando se sabe que a DOME está presente, há quem desista ou prepare-se melhor – porque sabem que vão competir com uma marca com posição consolidada.



PEDRO TORRES, TERCEIRA GERAÇÃO DA FAMÍLIA E ATUAL SÓCIO DA DOME KITCHENS

Pedro Torres cresceu no seio da empresa familiar. Desde bebé que a Dome faz parte da sua vida. O pai, Alberto Torres, fundador da marca, lembra que "o Pedro começou na fábrica ainda de fraldas. Cresceu no meio das fitas, como eu cresci com os meus pais. Tivemos uma história muito parecida." Com o tempo, Pedro fez o seu caminho, passou por todas as fases da produção e hoje é sócio da empresa. "Ele não é apenas filho do patrão. Meteu tudo o que tinha na Dome."

Pedro, quais são as primeiras memórias que tem desta área?

Toda a minha vida esteve ligada à empresa. Eu era muito pequeno quando o meu pai e o meu tio criaram o negocio. A primeira fábrica era quase a minha segunda casa – brincava no meio das máquinas e conhecia todos os funcionários. Fui muito acarinhado. Cresci com a fábrica e com o sector.

Esse contacto direto com os materiais e o processo produtivo deu-lhe uma vantagem no seu percurso?

Sem dúvida. Quando comecei a trabalhar as pessoas perguntavam como é que eu falava com tanta segurança, sendo tão novo. Mas eu tinha 25 anos e já tinha passado por todas as áreas da empresa: lixagem, orlagem, montagem... meti literalmente as mãos na massa. Depois, com a formação académica, passei para a gestão e a área comercial. Conheço a empresa de A a Z. Sempre acompanhei o meu pai a clientes, obras e feiras. Absorvi tudo.

Sempre teve a certeza de que queria ficar na empresa?

Sim. Quando acabei o 12.º ano, disse logo que não queria estudar mais. Queria trabalhar. Fiz um ano na empresa e percebi que precisava de mais ferramentas. Fui para a universidade e tirei Gestão. Foi a melhor decisão – hoje aplico esse conhecimento académico ao lado prático que já tinha. E sempre lutei contra a ideia de ser apenas o “filho do patrão”. Fiz questão de passar por tudo.

Hoje, o que é que já se pode identificar na Dome como fruto da sua visão?

Entrei com conhecimento e uma visão estratégica. Sempre falei com o meu pai sobre a importância do foco comercial – é isso que nos permite crescer e investir. Defendo o outsourcing, especialmente num país pequeno como Portugal. Não precisamos de fazer tudo internamente. O segredo está em rodearmos-nos dos melhores parceiros e em saber integrar essas competências.

Temos de deixar de querer ser tudo e fazer tudo. Apostar em parcerias sólidas e gerir bem o produto final. Hoje, a Dome é mais do que uma fábrica – é uma empresa que agrega competências, que entrega um produto final de excelência.

Acredita, então, que a união entre empresas é essencial para o futuro da indústria portuguesa?

Sem dúvida. Somos um país de pequenas e médias empresas. Se queremos competir com os gigantes europeus, temos de nos unir e fazer algo diferente. A mentalidade individualista ainda está muito presente e é isso que nos enfraquece. Temos uma mão-de-obra de excelência, mas falta-nos marca.

LÁ FORA RECONHECEM-NOS COMO "BONS E BARATOS". ISSO TEM DE MUDAR. SOMOS BONS, PONTO. E DEVEMOS SER PAGOS POR ISSO. TEMOS DE ACREDITAR MAIS NO QUE FAZEMOS.

O que falta a Portugal para dar o salto na indústria?

A Alemanha tem robustez. A Itália tem design. Nós já temos ambos, mas falta-nos presença, reconhecimento. Temos de deixar de ser o "parente pobre da Europa" e assumir que temos tanto ou mais valor. A minha geração tem essa missão: afirmar Portugal como uma marca respeitada, dentro e fora de portas.

O Alberto já nos tinha falado da marca "Guimarães". Ainda é vista como "boa e barata". Isso incomoda?

Alberto Torres: Guimarães é património da humanidade? Sim. É património industrial? Também. Mas o produto do Guimarães industrial... tem valor acrescentado? Ainda não. Continuamos com salários baixos, isto é escravatura moderna. Sim isto incomoda.

Guimarães tem de inverter esta forma de estar como marca, deixar a política de ordenado baixos e criar produtos de valor acrescentado.

Como vê hoje o papel de Guimarães no panorama empresarial e político?

Tenho dado o meu contributo, tanto na política como na indústria. Mas muitas vezes pergunto-me se vale a pena continuar. Guimarães é muito político, fala-se muito, faz-se muito "show-off" – e traz-se pouco valor real. Agora há uma aproximação à tecnologia, à ciência, à universidade. Isso pode acrescentar valor.

Mas como o meu filho diz, os jovens vão-se embora. Formam-se aqui, mas não ficam. Falta uma base que os desafie, que os acolha. Falta coragem política para os manter cá. Não é para os pôr a costurar t-shirts. É para os pôr a criar, a inovar, a valorizar.

E o que é que ainda pode dar a Guimarães?

Posso dar mais visibilidade e ajudar a mudar as mentalidades. Temos aqui um saber que está a desaparecer. Costumo dizer: cada pessoa, com certa idade, é uma biblioteca. Quando morre, uma biblioteca apaga-se. Eu não quero que a minha se apague. Quero que fique, que ajude outros. E não é por egoísmo familiar. É por todos.

Se este projeto em que estamos envolvidos hoje for replicado por outros, então teremos feito algo. Gostava que dissessem: "Vamos a Guimarães, porque ali há um cluster de cozinhas que é referência nacional e internacional."





A DOME, EMPRESA FAMILIAR VIMARANENSE COM 34 ANOS DE ATIVIDADE E TRÊS GERAÇÕES, AGREGA COMPETÊNCIAS, E ENTREGA UM PRODUTO FINAL DE EXCELÊNCIA



“LEVANTAR O DRONE” PARA VER GUIMARÃES DE OUTRA FORMA

Na sua visão, o que falta em Guimarães em termos de desenvolvimento urbano e industrial?

Alberto Torres: Guimarães precisa de ser olhada de cima. Costumo dizer: levantem o drone. Abram o município com visão estratégica. Definam a mancha industrial e habitacional – seja a norte ou a sul – e façam com que ela aconteça com escala. Como diz o Pedro, não se trata de fazer mais do mesmo, mas de fazer diferente, com ambição.

Qual é o papel da inovação e da ligação às universidades neste novo modelo?

Pedro Torres: Essencial. Temos parcerias com universidades e acreditamos no cruzamento entre conhecimento técnico e académico, esta parceria é fundamental para o apoio à inovação.

Criámos um modelo baseado num triângulo: Prescrição – o nosso saber, a escuta ao cliente; Inovação – através da academia e da criatividade interna; Industrialização – feita com parceiros especializados, com quem partilhamos conhecimento e formação.

DOME: UMA EMPRESA COM ALMA, DE GUIMARÃES PARA O MUNDO

Têm também uma vertente de personalização, certo?

Alberto Torres: Sim, e é talvez a mais especial. Trabalhar cozinha a cozinha, projeto a projeto, na casa do cliente – seja numa vivenda ou num apartamento. Não é o que dá mais lucro, mas é o que dá mais orgulho. Abrir a porta ao cliente e ver a cozinha pronta, o espaço completo, emociona-nos. Isso é a nossa assinatura. Não fazemos produto massificado – fazemos produto com alma.

Temos tecnologia de ponta que nos permite personalizar ao detalhe. A nossa fábrica é o nosso brinquedo: saímos do artesanal, mas mantemos o espírito de oficina. A Dome é feita por “fazedores” com muita experiência.

Que mercados estão a trabalhar atualmente?

Pedro Torres: O mercado nacional continua a ser o principal. Crescemos muito no sul, onde estão os empreendimentos de

gama média-alta e de luxo. No estrangeiro, estamos especialmente presentes em França, e agora também na Bélgica, com projetos diferenciados – nada massificado.

Qual é o futuro da Dome?

Alberto Torres: O futuro passa por crescer com sustentabilidade e acrescentar. Apostar em processos sólidos: comunicação fluida, design, software, tecnologia e inovação. E queremos continuar a mudar a indústria local e aumentar exportações

E em termos industriais?

A Dome do futuro será mais consolidada. Mais robusta, mais vertical. Continuamos a subcontratar de forma inteligente, mas com base em tecnologia e capacidade própria. Já temos estrutura para escalar de 20% para 80% da produção quando é preciso. Crescimento sim, mas sustentável, com base no que somos e no que sempre fomos.

A Dome é, claramente, um projeto familiar. Quer destacar alguém?

Alberto Torres: Sem dúvida. A minha esposa. Esteve sempre lá. Foi o meu suporte, a minha parceira de bastidores, enquanto eu representava a empresa. Nunca cortou as minhas asas. Sempre me disse: “Se acreditas, vamos.” E fomos. E há também a Sofia. Entrou em 2020, sem vir da área – é formada em Design Gráfico – mas rapidamente conquistou o seu lugar. É esposa e o braço direito de Pedro. Revolucionou a imagem da empresa, trouxe novas ideias.

Pedro Torres: “Hoje, com ela ao meu lado, sei que posso crescer com confiança. A nossa força vem também daí – da forma como vivemos isto em família”.

O que torna a Dome diferente?

Pedro Torres: A filosofia. A forma de trabalhar. Somos apenas 25 hoje, mas já formámos mais de 500 pessoas para o setor. Muitas empresas da região têm origem na Dome – ou foram formadas por nós. Isso é legado.

E quanto à sucessão?

Alberto Torres: A empresa tem 34 anos. Agora somos quatro. No futuro, o Pedro terá uma Dome madura, atrativa até para investidores. Hoje ainda dizemos que não, mas um dia... talvez. O importante é crescer com os pés na terra. Queremos uma empresa próxima e sustentável, com valores claros.

Parceria

EVITE ERROS COMUNS AO LIDAR COM “CASHBACK”

O “cashback” (em português “dinheiro de volta”), é um sistema em que parte do valor gasto é devolvido, geralmente na forma de crédito ou desconto, a utilizar numa compra futura.

E, atualmente, muitos são os cartões ou aplicações que oferecem “cashback” de uma percentagem do valor que gasta nas suas compras. Mas erros simples podem impedir a sua acumulação. Uma das razões mais comuns para a não atribuição de “cashback” em Portugal está na falta de leitura dos termos e condições do serviço.

Nestes documentos encontram-se informações essenciais, como as percentagens de “cashback” disponíveis e respetivos limites mínimos e máximos. Por exemplo, se não atingir o mínimo exigido num determinado mês, não receberá o reembolso.

Outra informação muito relevante é a lista de lojas parceiras onde o “cashback” é válido. Muitos cartões de crédito e programas de recompensa apenas atribuem este benefício para compras feitas em estabelecimentos específicos.

Outro erro usual é não ativar o “cashback” antes de efetuar a compra. Consulte a aplicação ou o site do seu banco e verifique se tem esta opção ativada. Nos programas de recompensa, aceda à sua conta na plataforma e confirme se a funcionalidade está a acumular corretamente.

Para estas e mais informações conte com o apoio da DECO Minho através do número de telefone 258 821 083 ou através do endereço eletrónico deco.minho@deco.pt



30 DIAS ANTES, NÃO É UMA DATA CERTA

No nosso dia a dia, muitos são os contratos que celebramos que contam com algum tipo de período de permanência ou de fidelização, renováveis automaticamente no final de cada período. Falamos usualmente de contratos de telecomunicações, de frequência em ginásios, contratos de prestação de bens ou serviços, contratos de seguro, planos de saúde, etc...

De forma a impedir a renovação automática destes contratos, o consumidor tem a obrigação de emitir atempadamente uma declaração que ateste que se opõe a esta. Usualmente, nos contratos prevê-se que o consumidor deverá respeitar um período de 30 dias de antecedência por forma a concretizar esta oposição.

Todavia, este é simplesmente o prazo de aviso mínimo que se exige do consumidor, e não uma data fixa pela qual este tenha de esperar.

Nada impede o consumidor de se opor à renovação do contrato, 31, 60, 90, 120 ou mais dias antes da sua posterior renovação.

Neste contexto, o consumidor apenas não poderá opor-se à renovação 29 dias antes, porque aí estaria a desrespeitar o prazo de aviso prévio da sua vontade.

Não deixe assim apenas para perto do fim dos contratos fazer a oposição à sua renovação. Preveja-se e, mal saiba que não pretende a sua continuação, faça saber a sua vontade. Caso não o faça corre o risco de ver-se renovar um contrato que não pretende mais.





LISBOETA ALFREDO CORREU TRÊS TERÇOS DO MUNDO E PAROU EM GUIMARÃES

TEXTO E FOTOGRAFIAS: HELENA LOPES

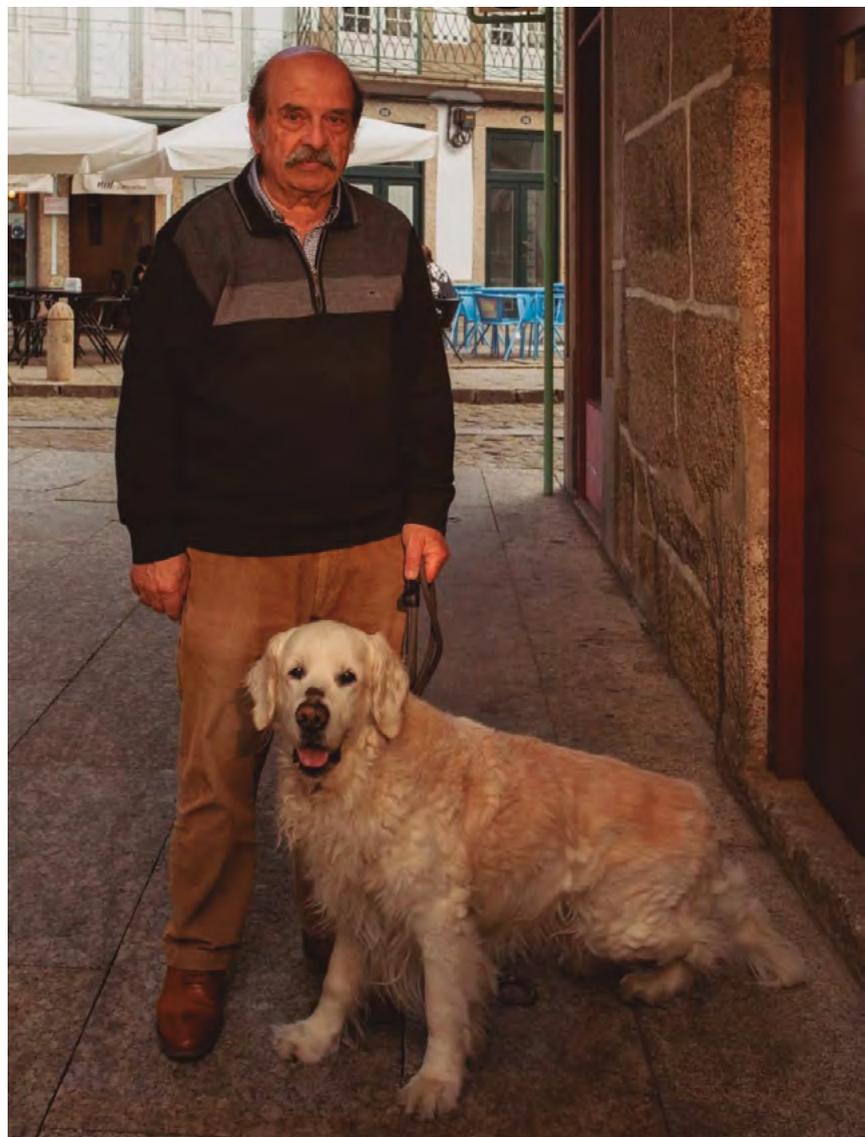
Há histórias que não se apagam com o tempo. Algumas ficam gravadas nas pedras da calçada, no olhar dos que passam, no silêncio de uma ausência que ainda se faz sentir. É o caso de Alfredo e do Seth, um homem e o seu cão que, juntos, se tornaram parte viva da cidade de Guimarães. Três anos após a morte de Seth, o “Golden Retriever branco do centro histórico”, a memória desse laço profundo continua a emocionar quem os conheceu.

Seth partiu a 26 de maio de 2022, aos 14 anos e meio, depois de sofrer um AVC. Com ele foi embora uma presença serena, uma ternura que se espalhava pelas ruas com a mesma naturalidade com que acompanhava Alfredo, o seu fiel companheiro. Mas ficou muito mais do que a dor da perda: ficou uma história de amor, companheirismo e resistência, a história de uma amizade feita para durar além da vida.

DEPOIS DO SETH, ALFREDO QUIS ADOTAR E NÃO CONSEGUIU “O SENHOR É DEMASIADO VELHO”

Alfredo Magalhães nasceu em Lisboa, em 1946, e percorreu o mundo antes de encontrar o seu lugar em Guimarães. Filho de um coronel médico, duro, e de uma mãe que pouco o protegia, teve uma infância difícil, marcada por silêncios e distâncias que o levaram, mais tarde, a escolher a solidão como forma de proteção. Passou pelo Algarve, viveu em Timor, dedicou grande parte da vida ao Exército e à Cruz Vermelha, onde somou condecorações e respeito.

Depois de uma vida cheia de voltas, reencontrou em Guimarães, já reformado, a tranquilidade que sempre procurou. Foi nessa nova etapa, longe do rebuliço do passado, que Seth se tornou a sua sombra. Adotado ainda bebé, o cão acompanhava Alfredo



por todo o lado: cafés, praças, hotéis. Era impossível não reparar naquela dupla, o homem de passo calmo e o cão de olhar doce, a espalhar simpatia por onde passava.

Seth tornou-se um símbolo silencioso da cidade. Era fotografado por turistas, acarinhado por comerciantes e conhecido por moradores como “o cão do centro histórico”. Em 2021, a doença veio abalar esse equilíbrio: primeiro foi Alfredo, diagnosticado com cancro; depois Seth, com cancro nos pulmões. Lutaram juntos, até ao fim. Quando Seth partiu, Alfredo ficou mais só, não apenas pela ausência física, mas porque, como ele próprio diz, “quando mais precisei, os amigos de duas pernas afastaram-se também, foi muito difícil”.

Desde então, Alfredo vive com a companhia da memória. Tentou adotar outro cão, mas foi recusado por causa da idade. “Tentei em Vila Nova de Gaia, mas ligaram-me e disseram-me que eu era demasiado velho para adotar um cão de oito meses”, lamenta. E assim, mais do que perder um animal, Alfredo perdeu o último elo de uma ligação que lhe dava sentido. “Seth sentia quando eu estava em baixo. Vinha ter comigo e ficava ali, só a estar.”

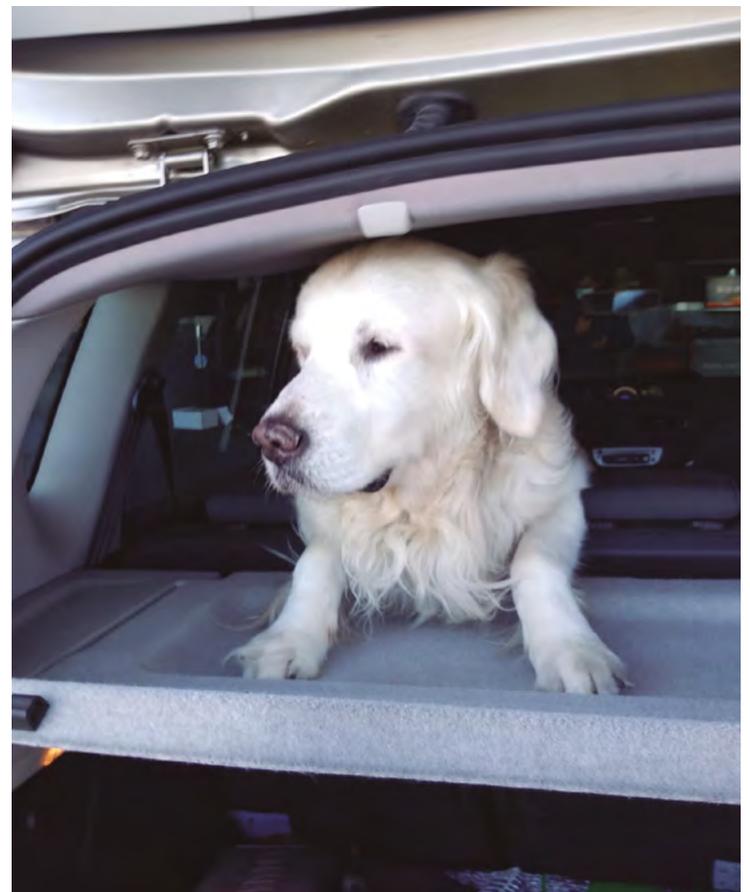
ALFREDO TERÁ FUNDO COM O SEU NOME NO CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA DO PORTO

Mas a sua história não termina aí. Hoje, com 78 anos, Alfredo continua ativo, mergulhado em investigações genealógicas, doando arquivos fotográficos que herdou do avô, imagens de Angola, vídeos antigos, negativos que carregam pedaços de história. Tudo isso será preservado num Fundo com o seu nome, a ser criado no Centro Português de Fotografia do Porto. Um gesto de partilha, mas também de legado.

“Não quero que se perca tudo quando eu partir”, diz com serenidade. Porque há memórias que não pertencem só a quem as viveu, pertencem à cidade, ao país, às pessoas que se deixam tocar por elas.

Hoje, Alfredo ainda sonha com uma homenagem pública a Seth. Algo que celebre não apenas o cão que Guimarães aprendeu a amar, mas também a relação incondicional entre dois seres que se completaram numa vida cheia de voltas.

Talvez um banco com o nome de Seth, talvez uma escultura discreta num jardim da cidade. Qualquer gesto que diga: aqui passaram Alfredo e Seth. E deixaram amor por onde andaram.





SALVADOR OLIVEIRA E BENEDITA LOPES

GINASTAS FAZEM HISTÓRIA NA EUROPA

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

Salvador Oliveira e Benedita Lopes conquistaram o ouro na disciplina de pares mistos durante a edição de 2025 da CEGI, realizada no Coque - Centre National Sportif et Culturel, no Luxemburgo. A dupla da Guimagym surpreendeu a Europa e mostrou que o trabalho, a entrega e a resiliência podem superar todas as expectativas.

Ele tem 16 anos, ela 12. Treinam seis dias por semana, conciliam a escola com o desporto e partilham a mesma paixão pela ginástica e o mesmo sonho para o futuro: ser arquitetos. Juntos, formam um par improvável – pela diferença de idades, pelo pouco tempo de treino conjunto e pela estreia numa competição internacional. Mas foi precisamente essa dupla, da Guimagym, que brilhou mais alto no Campeonato da Europa de Ginástica Acrobática, conquistando o ouro para Portugal.

Salvador Oliveira e Benedita Lopes não estavam no radar das principais seleções, nem eram apontados como favoritos. Salvador já conhecia o ambiente de alta competição, mas a Benedita estreava-se em palcos internacionais. Ainda assim, mostraram confiança e uma sintonia notável. “Eu não pensei muito, porque eu sabia que a figura tinha corrido bem e que o esquema estava limpo. Estava confiante”, confessa Salvador. Já Benedita, entre sorrisos tímidos, admite: “Eu não estava assim tão confiante. Mas quando ouvi a nota comecei logo a chorar”.

“EU NÃO PENSEI MUITO, PORQUE EU SABIA QUE A FIGURA TINHA CORRIDO BEM E QUE O ESQUEMA ESTAVA LIMPO”, SALVADOR OLIVEIRA

Apesar da vitória, o percurso da dupla começou há relativamente pouco tempo. Salvador já era atleta da Guimagym, mas ficou sem parceiro quando o anterior colega abandonou a modalidade. Benedita, que vinha da ginástica artística e treinava noutro clube,

procurava um novo desafio. Juntaram-se, começaram a treinar e rapidamente mostraram potencial. “Apostei neles porque vi que tinha muito potencial. Ambos têm uma boa capacidade física, são muito completos um para o outro”, explica Alfredo Pereira, treinador dos dois ginastas. “O Salvador nunca tinha feito par misto, o que muda completamente a técnica. Mas adaptaram-se muito bem”.

“MAS QUANDO OUVI A NOTA COMECEI LOGO A CHORAR”, BENEDITA LOPES

E a aposta resultou. “Trabalhámos para chegar àquele nível, sabíamos que era possível, mas não estávamos à espera desta





conquista”, diz Alfredo. A nota final chegou depois de verem duas penalizações que tinham surgido num diagrama interno. O treinador admite que, naquele momento, assumiu que não daria para o pódio. “Lembro-me de lhes dizer: ‘Meninos já não dá’, e de repente, surge a nota final e ficamos eufóricos”.

Questionados sobre que palavra escolheriam para definir o percurso até à final rapidamente responderam “difícil”, disse a Benedita, e “trabalhoso”, preferiu Salvador. O caminho até ao pódio foi feito de muita disciplina. Treinam, no mínimo, três horas por dia, seis dias por semana. Benedita viaja diariamente do Porto para Guimarães e Salvador frequenta uma escola UAARE (Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola), que lhe permite conciliar melhor a exigência da ginástica com os estudos. “Para mim é mais fácil porque eles adaptam os horários, ou seja, eu tenho um horário de turma, mas quando preciso de faltar eu troco aulas e depois tenho que recuperar noutros dias”, relata Salvador.

“LEMBRO-ME DE LHEIS DIZER: ‘MENINOS JÁ NÃO DÁ’, E DE REPENTE, SURGE A NOTA FINAL E FICAMOS EUFÓRICOS”, ALFREDO PEREIRA

No centro de treinos da Guimagym, mais do que formar campeões, formam-se pessoas. “Somos um clube de formação. A competição é apenas para quem ambiciona isso”, sublinha Alfredo. O lema é claro: “uma escola para a vida”.

O lema que transmite aos atletas é simples: “Sem expectativas, não há desilusões”. Mas há sempre espaço para sonhar. “O objetivo é saírem satisfeitos com o que fizeram”.



“ISTO É UMA ESCOLA PARA A VIDA”
ALFREDO PEREIRA

Alfredo confessa que o orgulho que sente nos dois atletas vai muito além do resultado. “Para mim é a resiliência deles, o foco e o trabalho que eles têm até chegar lá”.

Para Salvador, ser ginasta nunca foi motivo de dúvida, mas admite que nem sempre é fácil ser rapaz num desporto ainda marcado por estigmas de género. “Senti um bocado de preconceito no início, mas depois deixei de ligar ao que as pessoas diziam”.

Para o treinador, “esse preconceito ainda existe e vai continuar a existir, embora acredite que é “cada vez mais desmistificado”. “Esse estigma ainda existe, mas acho que cada vez menos. Nós temos bastantes rapazes na acrobática. Mas serão sempre bem-vindos mais”, reforça a rir.

SONHOS E OBJETIVOS PARA O FUTURO

Com a medalha de ouro ao peito e o nome gravado na história do desporto vimeirense e português, Salvador e Benedita não querem parar. Pretendem continuar a competir, a evoluir e, sobretudo, a divertir-se. “O objetivo é tentar ganhar o campeonato nacional. Depois o foco é próximo Mundial que se realiza em setembro de 2026”.

Campeões da Europa aos 12 e 16 anos, Salvador e Benedita carregam agora o peso leve de um ouro ao peito. Mas, mais do que o título, fica o exemplo de entrega, de superação e de resiliência de dois jovens que ainda têm muito para conquistar.

PUB

ArCOL
Cash & Carry



GUIMARÃES
SANTA MARIA DA FEIRA
LISBOA
FARO

www.arcol.pt



VITÓRIA COM CONQUISTAS HISTÓRICAS NO POLO AQUÁTICO E NO FUTEBOL FEMININO

TEXTO: CARLA ALVES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

O fim de semana de 10 de maio de 2025 ficará marcado na história do Vitória Sport Clube como um verdadeiro hino ao ecletismo e à excelência desportiva. Em apenas um dia, o clube de Guimarães celebrou dois títulos nacionais: o regresso ao trono no polo aquático masculino e a inédita ascensão do futebol feminino à elite do desporto português.

Na Piscina de Alvalade, em Lisboa, a equipa de polo aquático do Vitória SC sagrou-se campeã nacional ao bater o Sporting CP por 17-13, no terceiro jogo da final do Campeonato de Portugal A1 Masculino. Um triunfo que fechou a série decisiva com um expressivo 3-0, selando a reconquista do título perdido na época anterior para o Fluvial Portuense.

O jogo foi intenso. Apesar de um primeiro período favorável aos lisboetas (5-4), os vitorianos reagiram e chegaram ao intervalo com um empate a 7. A partir do terceiro período, o domínio foi total: o Vitória assumiu o controlo do marcador e manteve a vantagem até ao apito final, celebrando o seu quinto título nacional no reduto adversário.

O arquiteto deste sucesso é Vítor Macedo, treinador da equipa desde a reestruturação do projeto em 2018/19. "Queremos muito ganhar para trazer de volta o título para o clube e para a cidade", afirmou antes da final – e cumpriu. Sob a sua liderança, o Vitória esteve presente em todas as finais dos últimos anos e continua a ser uma referência do polo aquático em Portugal. Para Macedo, o segredo está na consistência, no trabalho árduo e na coesão entre atletas, staff técnico e dirigentes.

Além do título, o Vitória SC mantém-se em prova na Taça de Portugal, onde ambiciona conquistar a "dobradinha". E o sucesso de Macedo não se limita ao clube: foi recentemente nomeado selecionador nacional sub-18, reconhecimento claro da sua influência no panorama nacional da modalidade.



FUTEBOL FEMININO: TÍTULO, SUBIDA E ESTREIA NA I LIGA

No mesmo dia, a secção de futebol feminino do Vitória SC escreveu uma nova página de glória. Ao vencer o Rio Ave por 3-0, na última jornada da fase de apuramento do Campeonato Nacional da II Divisão, garantiu o título e a tão desejada promoção à Liga BPI, a primeira divisão do futebol feminino português.

O Campo 6 da Academia encheu-se de adeptos para testemunhar este momento histórico. Figuras do universo vitoriano – como os jogadores Óscar Rivas e Telmo Arcanjo, o treinador Gil Lameiras, atletas de outras modalidades e dirigentes – fizeram questão de marcar presença num ambiente de festa e comunhão.

A conquista não passou despercebida à Federação Portuguesa de Futebol, cujo presidente felicitou o clube: “Parabéns a todas as jogadoras, equipa técnica e staff, assim como à Direção e a todos os adeptos por uma época histórica”.

VITÓRIA EM DOSE DUPLA

A Direção do Vitória SC destacou a importância do fim de semana duplamente vitorioso, exaltando o empenho e dedicação de todos os envolvidos. “Estes títulos são reflexo do trabalho diário, da dedicação de atletas, treinadores, dirigentes e colaboradores, e da paixão dos seus adeptos”, afirmou em comunicado.

Num clube que preza o mérito e a ética desportiva, cada conquista – independentemente da projeção mediática – é motivo de orgulho. E em Guimarães, todos os caminhos parecem apontar para um futuro cada vez mais promissor.



O PREÇO DOS BILHETES

PARA DESGOSTO DE QUEM O AMA, O ESTRANHO MUNDO DO FUTEBOL EM QUE VAMOS VIVENDO...

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

“As the present now
Will later be past
The order is rapidly fadin’
And the first one now will later be last
For the times they are a-changin’”

Bob Dylan - The Times They Are A-Changin’

As últimas estrofes do fantástico The Times They Are A-Changin’ escrito e interpretado pelo não menos extraordinário Bob Dylan retratarão na perfeição a actualidade do futebol. Um jogo que tem ido para além da sua essência para se concentrar em outros interesses, em que o dinheiro é a sua força motriz. No fundo, a certeza que os tempos (e as filosofias) estarão a experimentar profundas alterações de modo a tornar o jogo, acima de tudo, um meio fácil e rápido de gerar proventos astronómicos.

Poucas dúvidas já existirão, mas atentaremos a alguns casos claros que comprovarão como o cantautor norte-americano referiu que vivemos tempos de mudança, mas... não necessariamente para melhor.



UM CAMPEONATO DO MUNDO QUE DEIXA DE SER SELECTIVO...

Muitos de nós ainda se lembrarão do primeiro campeonato do mundo com vinte e quatro equipas, em 1930. Outros recordarão com saudade o de 1966 em que os Magriços brilharam, numa prova em que, somente, as 16 melhores selecções nacionais do mundo marcaram presença.

Não obstante, os interesses comerciais, publicitários e televisivos tudo alteraram. Deste modo, como referimos no mundial espanhol, a prova foi alargada para 24 participantes. Posteriormente, avançou-se para 32. No próximo grande certame à escala global serão 48 as equipas intervenientes. E, ainda, não satisfeitos com isso os homens do futebol aventam a possibilidade da Taça de ouro maciço que substituiu a Copa Jules Rimet ser disputada por 64 (!) representações nacionais em 2034, na Arábia Saudita. Uma competição que será disputada num país em que os direitos humanos são uma falácia, que exerce o seu soft power através do desporto e que graças ao dinheiro faz os homens que mandam no jogo assobiar para o ar no que se refere aos valores do desporto...e aos direitos humanos!



Por isso, o encanto da máxima prova mundial perdeu-se... e, pela força das transmissões televisivas e patrocinadores, qualquer dia sentar-nos-emos no sofá para assistir a um escaldante desafio entre San Marino e Myanmar...



UM CAMPEONATO DO MUNDO DE CLUBES QUE CUSTOU A ARRANCAR...

É certo e sabido que os jogadores, através do seu sindicato, a FIFPro, têm levado a cabo uma luta tendente a serem reduzidos o número de desafios que se disputam.

Pouco sensível a isso, a FIFA resolveu criar um Campeonato do Mundo de clubes a disputar no defeso dos campeonatos. Quase um lenitivo para os clubes que, ainda, não se cansaram de lutar pelo surgimento de uma Superliga europeia e que poderão ser seduzidos pela nova competição e pelos prémios por ela gerados. Porém, terão os homens do futebol olvidado que os jogadores, apesar de principescamente pagos, terão direito a férias e a esquecerem o futebol por alguns dias?

No fundo, a ideia que a galinha dos ovos d'ouro merece ser espremida até ao tutano, independentemente dos principais protagonistas do futebol mundial mostrarem-se contrários a essa ambição.

UM PRODUTO ESGOTADO

Mas, se os jogadores dos principais emblemas, aqueles que disputarão a competição inicial global por clubes se lamentam, os demais não terão, igualmente, espaço para respirar. O futebol, o produto gourmet que era saboreado parcimoniosamente ao Domingo à tarde e nas Quartas-feiras europeias tornou-se em fast-food acedível a qualquer momento.



Bastará dar o exemplo do Vitória.

À data em que se escrevem estas linhas, os Conquistadores, que começaram a temporada no final de Junho de 2024, já disputaram 48 partidas, devendo chegar até ao final do ano às cinquenta e duas. Se já parecem muitas, imaginem que, para felicidade de todos nós, os Conquistadores tivessem chegado a todas as finais nas provas em que entraram. Teriam chegado às 63 contendas num ano desportivo. Ora tendo o ano desportivo cerca de dez meses, teremos uma média muito superior a um desafio por semana. Esgotante a nível físico, mas também psicológico, para jogadores, treinadores e que os torna mais propensos a lesões.

Estes, ao invés de serem as estrelas no centro do jogo, tornaram-se, eles, um brinquete nas mãos de quem quer fazer muito dinheiro com o futebol!

DESLOCALIZAÇÃO DAS COMPETIÇÕES

O que dizer de um jogo, que tornou-se o desporto-rei pelos milhões de adeptos que o amam, mas que, neste momento, os desprezita a troco de dinheiro?

Como exemplo, poderemos aludir às Supertaças de Itália e de Espanha disputadas na Arábia Saudita (novamente, o tal soft power), interessando mais o dinheiro e os adeptos do outro lado do mundo, do que aqueles que fazem todos os sacrifícios para apoiar os emblemas do seu coração semanalmente?

E, pasmem-se, tal ideia também foi defendida pelo actual presidente da FPF, Pedro Proença, na altura como presidente da Liga de Clubes, que pretendia deslocalizar a inenarrável e sem qualquer ponta por onde se pegue Taça da Liga para outras paragens do mundo. O dinheiro a ditar as suas leis...

NENHUMA IDENTIFICAÇÃO ENTRE QUEM MANDA E QUEM APLAUDE

Longe vão os tempos em que os presidentes eram primus inter pares dos adeptos. Aqueles que se destacavam entre os demais. Vivemos o tempo dos clubes serem dominados por alguém que não conhecemos. O fenómeno da multipropriedade tornou os clubes como peças de conglomerados internacionais. Em muitos casos, quem neles manda, nunca sequer tinha ouvido falar dos mesmos, olhando para estes como mero leit motiv para lucros fáceis.

Como exemplo, poderemos dar o mais gritante de todos. A Spezia, clube italiano a militar na Série B, conheceu há poucos dias o seu terceiro dono na presente época, depois do anterior proprietário, após dois meses de ter assumido a sua liderança, o ter vendido e, atente-se: inicialmente, era propriedade de um norte-americano, passou para as mãos de um australiano que desfez-se do brinquedo em sessenta dias para voltar às mãos de outro cidadão americano.

Ao que chegamos...

Mais exemplos poderíamos dar...

Mas, acima de tudo, fiquemos com a certeza que o belo jogo está a anos luz do que já foi... para desgosto de quem realmente o ama!



pede a tua
Refeição

SERVIÇO PRÓPRIO DE ENTREGAS



Liga

916 997 585

Av. Dom João IV 609 Guimarães